



## O Homem que morreu por engano e regressou (*Timárion ou Acerca das suas vicissitudes* — Tradução e notas)

The Man Who Died by Mistake and Returned (*Timarion or Concerning his Vicissitudes* — Translation and notes)

Reina Marisol Pereira<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0001-9681-8410>  
rntp@mail.com

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v12i1.67927>

**RESUMO:** Sob a máscara de uma despretenhosa prosa helénica ficcional, de autoria não identificada, o libelo reflete, com traço satírico lucianesco, aspectos de vários domínios socioculturais bizantinos do século XII, a exemplo de serviços, medicina, tribunais, filosofia, retórica, religião, valores, todavia sem intentar assumir-se como uma profissão de fé, tampouco emular-se a um folhetim de transgressão pagã. À partida, uma sequência simples de três momentos: um homem morre; comprova-se ter sido erradicado por engano e restitui-se à vida. Considerando o complexo período histórico de censura e castigo, propõe-se uma leitura crítica sobre a matéria incluída, disposta amiúde em dicotomias, como espaço terreno/Hades, paganismo/cristianismo, retórica/filosofia, justiça terrena/justiça divina.

**PALAVRAS-CHAVE:** viagem; Hades; catábase; tribunal.

**ABSTRACT:** Under the guise of unpretentious fictional Hellenic prose by an unidentified author, the libel reflects, with Lucianesque satirical strokes, aspects of various sociocultural domains of 12th-century Byzantium, such as services, medicine, courts, philosophy, rhetoric, religion, and values. However, it does not aim to assert itself as a profession of faith, nor does it emulate a pamphlet of pagan transgression. At first glance, it presents a simple sequence of three moments: a man dies; it is proven that he was mistakenly eradicated, and he is restored to life. For the first time in the Portuguese language, this comprehensive translation presents the journey of Timarion, from Constantinople, Byzantium, and Hades to resurrection. Considering the complex historical period of censorship and punishment, a critical reading of the included material is proposed, often arranged in dichotomies such as earthly realm/Hades, paganism/Christianity, rhetoric/philosophy, earthly justice/divine justice.

**KEYWORDS:** journey; Hades; katabasis; court.

<sup>1</sup> Investigadora colaborante do Centro de Investigação em Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra.



Na inexistência de sinonímia total e absoluta, à margem de uns poucos de matriz histórica, tornar-se-ia vão sequer pensar em plasmar os factos de uma língua pelos de outra. Assim, na tradução ora veiculada procura manter-se, tanto quanto possível, a sequência ideológica, feições de índole estilística e alguns fenómenos suprasegmentais, como pontuação. Quanto a citações literárias, encontram-se colocadas entre aspas altas. As aspas baixas estão reservadas para intervenções de personagens em discurso indireto livre. O plural, na generalidade majestático, para maior clareza, é substituído pelo singular correspondente; ao passo que a sua manutenção esporádica se prende com a conservação de ênfase.

O texto grego seguido foi registrado por ELLISSEN, A. (1860). *Analekten Der Mittel- Und Neugriechischen Literatur*. 4. Leipzig, Verlag von Otto Wigand: 41–92.

***Timárion***  
**ou**  
***Acerca das suas vicissitudes***

Cidion — Ora, se não é o bom Timárion! “Então estás aqui, Telémaco, doce luz da minha vida?!<sup>2</sup> Mas o que é que te deteve durante tanto tempo, embora houvesse prometido voltar rapidamente?<sup>3</sup> “Conta, não escondas nada, para ficarmos ambos a saber<sup>4</sup>. Na realidade, estarás a falar com um amigo antigo e novo.

Timárion — Meu caro Cidion, porquanto me trouxeste à memória os poemas de Homero, na ânsia de ficares a saber o que aconteceu comigo, eu também precisarei de servir-me das palavras da tragédia para retratar esses factos, de modo a tornar a narrativa ainda mais refinada do que os meus sofrimentos.

Cidion — Anda lá, diz, caríssimo Timárion e não percas tempo! Não me excites ainda mais, que estou desejoso de saber, nem me tortures em extremo com aflição.

Timárion — “Ai, Ai, porque me agitas, me pressionas<sup>5</sup> — conforme o ditado — e me levas de Troia?”<sup>6</sup> Melhor ainda, deixa-me começar com uma citação de Eurípides, pois descreve um caso similar: “Não há nada tão terrível nem de contar, | nem de sofrer, nem nenhuma calamidade enviada dos céus, | cujo peso a natureza humana não tenha de suportar.”<sup>7</sup> “A Terra não carrega nada mais

<sup>2</sup> *Od.* 16.23, 17.41.

<sup>3</sup> Cf. *Pl. Hp. Ma.* 281a; *Luc. Lex.* 1.

<sup>4</sup> *Il.* 16.19. Cf. *Luc. JTr.* 1.

<sup>5</sup> Vd. *E. Med.* 1317, parodiado em *Ar. Nu.* 197; *Heliod.* 1.8.7.

<sup>6</sup> *Od.* 9.39. Cf. *Heliod.* 2.21.

<sup>7</sup> *E. Or.* 1–3; *Cic. Tusc.* 4.29.63. Cf. *Pl. Ax.* 367 cf. paródia, *Luc. JTr.* 1.

miserável do que a humanidade.”<sup>8</sup> De facto, meu caro, se te contasse a minha história em detalhe, dirias que teria sido melhor ter-me mantido em silêncio e que não te tivesse relatado o que querias saber.

[2] Cidion — Anda lá com o resto da história, meu bom amigo, enquanto há abundante luz solar<sup>9</sup>. Com efeito, ainda é “altura de tirar o cabresto aos bois”<sup>10</sup>. E conviria que nós chegássemos a casa sãos e salvos durante o dia, caso haja alguma necessidade pendente.

Timárion — Caro Cidion, ficaste a saber por mim, na altura em que me despedi de ti, quão pio e sacro era o objetivo da minha viagem. Então, não é preciso dizer nada mais acerca do que tu já conheces. Ora, depois de me despedir de ti e de abandonar a cidade<sup>11</sup>, uma providência divina facilitou o caminho e cuidou de cada detalhe. Para dizer em poucas palavras, assegurou que fôssemos<sup>12</sup> recebidos<sup>13</sup> e tratados como sátrapas, embora nos apresentássemos com jeito de filósofos e de forma descuidada. Tampouco negligenciou qualquer um dos amigos de percurso, nem os hóspedes paternos: pelo contrário, houve sempre alguém que nos encontrou quando nos movíamos em direção ao campo; outrem deparou-se na saída do espaço. A outro, avisou-o um escravo, ou porque, ao passar casualmente, havia cruzado caminho connosco, ou estivesse a arar a terra<sup>14</sup> junto ao caminho. Em suma, não houve ninguém que, ao ver-nos, não nos recebesse com hospitalidade. Precisaria contar em detalhe essas luxuriosas e deliciosas refeições, que já referi serem dignas de sátrapas e tiranos? Meu bom amigo, a partir dos factos, conseguirás perceber que existe uma autoridade universal que proporciona os prazeres da vida àqueles que enveredaram por filosofar. Pois, embora nós não tivéssemos passado tempo a meditar a respeito das provisões, após sair de casa, e não levássemos comida e bebida, isso não nos faltou de ser fornecido em abundância, logo desde o primeiro momento da receção. Correu assim a viagem, de forma extremamente sã e soldável.

Porém, o regresso foi extremamente penoso e digno de uma tragédia.

[3] Cidion — Meu caro, és sempre cruel ao narrar uma história, de modo completamente preciso e pormenorizado, sem nunca nos contares a questão de forma elaborada. Com efeito, apesar de não teres acabado na íntegra o relato da viagem, e de não teres apresentado nada a respeito da estadia na zona, lanças-te para “lembrar o regresso”<sup>15</sup>. Qualquer um pensaria que estavas a ser

<sup>8</sup> Reformulação a partir de *Il.* 17. 446–447; *Od.* 18.130.

<sup>9</sup> Cf. *Od.* 21.429. Vd. *Luc. JTr.* 41.

<sup>10</sup> *Il.* 16.779; *Ar. Av.* 1499; *Apollon.* 3.1342; *Heliod.* 2.19.

<sup>11</sup> Entenda-se ‘Constantinopla’.

<sup>12</sup> Considere-se Timárion e quem o acompanhava (amigos e hóspedes paternos).

<sup>13</sup> A propósito da hospitalidade bizantina, responder-se a respeito da adaptação da matriz clássica ao princípio teológico de filantropia bizantina (e.g. Gregório Nazianzeno *Orationes* 14, 26. *De Pauperum Amore*: PG 35, 892bc). Vd. Constantelos, 1968, pp. 203–21.

<sup>14</sup> Vd. γεηπρόνος, ‘trabalhador da terra, agricultor’, *Luc. Philopatr.* 4.

<sup>15</sup> *Od.* 3.142.

perseguido por cães ou Citas<sup>16</sup>, pela forma como apressas rapidamente o discurso para Bizâncio<sup>17</sup>, como se fosse o único lugar onde tu poderias encontrar segurança e escapar dos perseguidores. Vá lá, meu bom amigo, não há nenhum pavor à espera, nem vai acontecer-te nada de terrível, se tu ficares a contar-me com maior tranquilidade a história.

Timárion — Maldita seja a tua ânsia, amigo Cidion! De facto, estás insaciável por narrativas e histórias de outras pessoas!

Pois bem, vou contar-te o que aconteceu, mas deves perdoar-me se não incluir a totalidade, como o corvo que sobrevoou em nosso redor, ou a pedra que se incrustou nos cascos dos cavalos, ou a amoreira à beira da estrada, que nos enredou.

Ora, descemos para a célebre Tessalónica antes do início do festival do mártir Demétrio. Estávamos de bom ânimo e corpo são. Quando se está desocupado, para mim, é o equivalente a comer carne de porco para os Judeus. Porque não tivemos de debruçar-nos sobre os estudos e simultaneamente dispunha de tempo livre, fomos ao rio Áxio para caçar. Esse é o maior rio da Macedónia, o qual, com origem nas montanhas búlgaras, flui em pequenos cursos separados e depois converge numa descida, como diria Homero, “nobre e grande”<sup>18</sup>, baixa em direção à velha Macedónia e Pela e desagua de imediato na margem mais próxima. Este domínio merece uma descrição de forma apropriada. Possui solo rico, onde os agricultores podem semear todos os tipos de culturas. É um bom local para os soldados montarem, e ainda melhor para os generais organizarem e alinharem falanges, sendo propícia à prática dos hoplitas, sem que se quebrem as falanges, em virtude de a área ser completamente plana e livre de pedras e arbustos. Quanto à caça, poderias dizer que é um lugar onde a Fedra de Eurípides, mesmo que não estivesse loucamente apaixonada por Hipólito, poderia cavalgar em lazer, chamar os cães e atirar setas perto de veados matizados<sup>19</sup>.

[4] Assim é a região do Áxio. E então agradavelmente passámos o tempo antes do festival a caçar com os nossos próprios hóspedes e os dos pais. Quando o festival começou, voltámos para a cidade. Depois de irmos aos santuários divinos e aos templos, e de prestarmos as honras devidas, passámos um tempo na feira que foi montada fora das portas da cidade. Começa seis dias antes do festival e acaba logo na segunda-feira<sup>20</sup>.

<sup>16</sup> Designação atribuída pelos gregos (Hdt. 4.6) ao povo nómada proveniente de território entre a hodierna Sibéria e a Ásia Central. Congregava várias tribos de guerreiros, recordadas como terríveis atacantes em número e armamento (Hdt. 4.46).

<sup>17</sup> Entenda-se ‘Constantinopla’.

<sup>18</sup> *Il.* 2.653, 3.167, 226, 11.221.

<sup>19</sup> Cf. *E. Hipp.* 218–219; *Plu.* 52c, 959b.

<sup>20</sup> Observe-se ‘segundo dia do Senhor’. Na realidade, *dies Domi* (‘dia do Senhor’) > *dominicus* corresponde a domingo (vd. *Tert. Coron.* 3, *dominica dies*). Os restantes dias eram *feria*, ‘festival, descanso, lazer’, terminologia litúrgica aplicada aos dias úteis da semana (cf. *ferialis*), por extensão do determinado pelo bispo Martinho de Braga e Dume, em 563, para os dias da Semana Santa, a começar por *prima feria*, ‘domingo’.

Cidíon — O nosso amigo Timárion está de volta à sua forma habitual, mesmo sem perceber! Na verdade, o contar das histórias costumava possuir um começo e um fim, mas sem meio. E é isso que está a acontecer agora, como se tivesse esquecido o meu pedido e a sua própria promessa, sem fornecer nenhum detalhe sobre o festival — o seu tamanho e esplendor, as pessoas, as riquezas e todos os bens à venda —, simplesmente passando do início à conclusão, com vista a finalizar de imediato a peripécia. Mas, “não passaste despercebido ao filho de Atreu, afeiçoado de Ares.”<sup>21</sup>

Timárion — Caro Cidíon, receio que teremos de passar a noite aqui, se me deixar convencer a descrever-te o que desejas saber. Mas o que posso fazer? Esses pedidos de amigos são, ao que parece, equivalentes a imperiosidades e ordens reais. Uma pessoa não consegue escapar da injunção, qualquer que seja<sup>22</sup>. Então, aqui vai, desde o início:

[5] Demétrios são um festival, tal como os Panatenaicos, em Atenas, e os Paniónios, entre os Milésios. É a maior festividade entre os Macedónios. Não só a multidão nativa e indígena aflui, mas também raças da plenitude existente, de qualquer lugar concebível, gregos de todo o lado, vizinhos Mísios<sup>23</sup>, cada um dos tipos de povos, do Istro até à Cítia: Campânios, Iberos, Lusitanos e Celtas Transalpinos. Em suma, os litorais oceânicos enviam suplicantes e peregrinos ao mártir, tanta é a fama que o rodeia na Europa.

Eu, sendo um estrangeiro da Capadócia<sup>24</sup> e nunca tendo ido ao evento, mas apenas ouvido falar, queria ver todo o espetáculo que havia para ver, para que não escapasse nada à minha vista sem contemplar. Por conseguinte, subi a uma colina na festividade e sentei-me a observar tudo à vontade. Era isto o que havia nela: tendas de comércio umas à frente das outras, dispostas em filas paralelas. As fileiras estendiam-se por um longo caminho, estavam suficientemente distantes para se introduzir uma via no meio larga quanto baste para permitir espaço de movimento para a precipitação da turba. Olhando para a proximidade e a uniformidade do seu posicionamento, poderias compará-las com linhas traçadas a uma longa distância a partir de dois pontos opostos. Em alguns ângulos das fileiras, foram montadas outras tendas. Também estavam em filas, não compridas, mas como as minúsculas patas que se desenvolvem de lado nas espirais dos répteis. Era um aspeto digno de contemplar-se. Embora existissem duas fileiras, a proximidade e a regularidade das fiadas criaram a ilusão de algo vivo. Havia que ver o sulco de tendas, sustentadas nas que estavam

<sup>21</sup> Cf. *Il.* 17.1. Serve, no caso, para uma certa aproximação do protagonista falecido ao herói da épica iliádica Pátroclo, do contingente grego dos Mirmidões, cuja morte pelos troianos Menelau é o primeiro a constatar.

<sup>22</sup> Cf. algumas similitudes, em *Luc. Nic.* 2,3, *Charid.* 2.

<sup>23</sup> Vd. Mísia, a noroeste da Anatólia.

<sup>24</sup> Anatólia Central.

dispostas, parecendo pés de apoio. Quanto a mim, pelo afeto<sup>25</sup> que tenho por ti, quando contemplei o diagrama das tendas a partir do alto, não pude deixar de compará-lo a uma centopeia com um corpo muito longo, mostrando inúmeras patinhas sob o ventre.

[6] Todavia, meu indiscreto companheiro, se procura saber o que eu vi no interior depois que desci da colina, havia todos os tipos de roupas masculinas e femininas, tanto tecidas, como fiadas; tudo o que vem da Beócia e do Peloponeso; e é a panóplia de coisas que os navios mercantes trazem de Itália e da Grécia. A Fenícia também fornece muitos bens, tal como o Egito, a Hispânia e as Colunas de Héracles<sup>26</sup>, onde se fazem os artigos mais belos isso suspensos. Esses bens os comerciantes exportam diretamente das suas terras para a antiga Macedónia e Tessalónica. O Euxino<sup>27</sup> contribui outrossim para o festival, enviando seus próprios géneros para Bizâncio, de onde são transportados por um grande número de cavalos e muitas mulas. Olhei isso depois de descer. Mas enquanto eu ainda estava sentado no alto da colina, fiquei surpreso com quantidade e variedades de animais, bem assim com o seu alto e confuso ruído, que violentamente assolou os meus ouvidos. Cavalos a relinchar, bois a mugir, ovelhas a balir, porcos a grunhir e cães a latir seguiam os seus senhores, como defesa contra lobos e ladrões. Quando contemplei isso com calma e fiquei satisfeito com a vista, regressei à cidade com muita vontade de ver outras coisas, sobretudo a cerimónia sagrada.

Ela processa-se em três vigílias, durante toda a noite, com muitos sacerdotes e monges divididos em dois coros constantemente a entoar o hino ao mártir. O sumo sacerdote preside, qual espectador supremo, como se fosse o líder de uma embaixada sagrada, supervisionando o festival e assegurando que se realizasse tudo o que deveria ser feito. Isso leva-se a cabo durante toda a noite, com recurso à luz de tochas. “Porém, quando a matutina Aurora rosidáctila brilha”<sup>28</sup>, diria Homero<sup>29</sup>, o líder da terra chegou ao templo, avançando com uma grande e muito esplendorosa escolta, a encabeçar uma procissão de muitos cavaleiros e não poucos soldados.

[7] Como o povo<sup>30</sup> estava expectante diante da entrada, a aguardar ansiosamente a sua iminente presença, segui junto com alguns curiosos da zona e encontrei a procissão a cerca de um estádio de distância. Foi um espetáculo que não me deu um prazer vulgar. Quanto à multidão indistinta que acompanhava, quer do campo, quer do bairro, o que poderia dizer? No entanto, os

<sup>25</sup> Vd. lexema no original, ἀγάπη, tipo de sentimento que pode contar-se como paralelo à *philia*, pelo desinteresse, carácter nobilitante e espontaneidade, no âmbito da tradição judaico-cristã, presente sobretudo no *Novo Testamento* (e.g. *Mt.* 22:39, *Jn.* 4:8,15:12, *Deut.* 6:5), onde reporta o relacionamento unificador, não apenas no plano humano, mas igualmente entre as esferas humana e divina. Vd. Lafollette, 2005, pp. 42–69.

<sup>26</sup> Vd., hodiernamente, Estreito de Gibraltar.

<sup>27</sup> Vd. Ponto Euxino, correspondente, na atualidade, ao Mar Negro.

<sup>28</sup> Vd. *Il.* 1.477: ῥοδοδάκτυλος Ἥως, "Aurora rosidáctila".

<sup>29</sup> *Il.* 1.477; *Od.* 2.1; *Heliod.* 3.4.1.

<sup>30</sup> Vd. *Th.* 2.8.1; *Luc. JTr.* 4, *Dem. Enc.* 28.

seus escolhidos<sup>31</sup> — alguém poderia dizer uma horda de peregrinos — fizeram da procissão uma maravilha, estando todos no seu primor, todos em forma, homens iniciados e discípulos do belicoso Ares, orgulhosos nas suas roupas de seda e vestes listradas, cabelo denso e dourado. Se observasses os cabelos com maior cuidado, citarias o Poeta<sup>32</sup>, no sentido de que das suas cabeças a natureza “suspendeu a melena densa, como o jacinto em flor.”<sup>33</sup> Por baixo, os cavalos árabes empinavam<sup>34</sup>, tangendo o alto e erguendo-se como se fossem elevar-se do solo e voar. Pareciam fundir-se com o esplendor circundante — todo o ouro e prata a brilhar nas suas rédeas —, como se deleitados em mostrar o seu adorno, e arqueavam frequentemente os pescoços, envergando os seus arreios reluzentes. Era assim que se mostravam, avançando em ritmo ordenado e passo militar. Depois deles, houve um pequeno intervalo e o *Dux* apareceu com movimento calmo. Erotes<sup>35</sup>, Musas e Graças<sup>36</sup> corriam, procediam e seguiam-no.

Meu queridíssimo Cidion, como poderia descrever-te a grande satisfação que penetrou na minha alma e o exultante regozijo?

Cidion — Bem, mui nobre Timárion, diz quem era esse homem, quem eram os seus pais e como te apareceu à vista no caminho. Conta-me isso e tudo o mais, em detalhe, correspondendo de forma adequada ao meu pedido de início.

[8] Timárion — A sua proveniência, segundo descobri perguntando àqueles que conheciam, é heroica e afortunada, por parte de ambos os lados. O seu avô paterno estava entre os principais na Grande Frígia<sup>37</sup>, de ar rico e soberbo em glória. Antigas histórias trazidas por si mesmo ou acerca de si próprio acrescentaram uma tradição ao seu nome<sup>38</sup>. O pai não só “sabia de muitas coisas antigas”<sup>39</sup>, mas também era notável por feitos e o mais reputado de entre outros por comandar exércitos, o que lhe fez auferir como recompensa pelo comando militar a sua bela esposa<sup>40</sup>, proveniente do topo dos de maior estirpe, sendo de sangue real e descendente dos famosos Ducas (uma família,

<sup>31</sup> Entenda-se ‘líderes e excluídos’.

<sup>32</sup> Entenda-se ‘Homero’.

<sup>33</sup> *Od.* 6.230, 23.157.

<sup>34</sup> Cf. *X. Cyr.* 7.1.

<sup>35</sup> Vd. *E. Ba.* 402–406.

<sup>36</sup> Vd. *Luc. DMort.* 15, 33, *Im.* 9.

<sup>37</sup> Provavelmente, província da Anatólia Central criada no século VII.

<sup>38</sup> Avalie-se a probabilidade de tratar-se da paronomásia do antropónimo de um membro pertencente à família dos Paleólogos — παλαιοὶ λόγοι, ‘antigas palavras’ —, conforme denotam estudos como os de Romano, 1974, p. 132; Marciniak-Warcaba, 2014, p. 65.

<sup>39</sup> *Od.* 2.188, 7.157 (erro em Ellissen, 1860, p. 158, n.r. 37), 24.51.

<sup>40</sup> Cf. a mulher como prémio de guerra (γέρας) recebido pela τίμη, ‘honra, valor’ demonstrada, como quaisquer outros bens adquiridos (e.g. propriedades, armas, joias). Vd., a propósito, na literatura helénica, as cativas troianas, distribuídas entre os gregos, enquanto ‘prémio de guerra’ referentes ao Conflito Troiano — χειρῶν γέρας (*Il.* 9.344), tais como Briseida, Hécuba, Cassandra, Andrómaca, entre diversas outras.



como sabes, cujo heroísmo é declarado por muitos haver passado de Itália e da raça de Eneias, para Constantinopla). Quem não conhece, de entre todos, o pai dela, distinguido com cargos, estimado nos mais importantes comandos militares, e que definiu em todos os sentidos uma incomparável nobreza para a sua filha? Isto é o que aprendi com os que estiveram presentes e que conheciam a sua história pessoal, embora possa acontecer ter havido apenas tempo para me contarem poucos de muitos aspetos<sup>41</sup> de uma grande história. Mas retomemos a sequência do discurso e regressemos à procissão.

[9] Então, como estava a dizer, a horda de escolhidos liderou o caminho. Porém, a continuidade da procissão foi interrompida como o rompimento de uma corda, e o *Dux* brilhava com a sua glória. Nem o ocaso nem o levante<sup>42</sup> foram tão surpreendentes para nós como a sua epifania. Os "olhos dele brilharam como vinho, os seus dentes eram brancos como leite."<sup>43</sup> "Corpo bem tonificado, estatura alta, tão bem proporcionado em todos os seus membros, que correspondeu ao que é costume dizer-se sobre ele — que não havia nada a acrescentar nem a tirar."<sup>44</sup> O seu corpo, alto e reto como um cipreste, inclinava e reclinava pescoço, como se a própria natureza estivesse a corrigir o excesso e a regular a profusa curvatura do pescoço, de forma a ter toda a facilidade de virar em qualquer eventualidade<sup>45</sup>. Esta foi a primeira impressão a respeito dele à distância.

Mas, na ocasião em que se aproximou de nós, que estávamos perto, e como é normal celebrávamos o evento, e quando fizemos o reconhecimento formal da sua presença, que o protocolo exige, ele parecia uma criatura camaleónica, completamente impenetrável. Pois como uma poção, "que contem misturados muitos fármacos bons e também muitos danosos"<sup>46</sup>, a sua aparência variava: a certa altura, projetando a graça de Afrodite; e, se visses de perto, a violência de Ares despontava dos seus olhos, enquanto que um momento depois, exibia a magnificência de Zeus. Pelo aspeto, parecia manifestamente Hermes, com olhar terrível e repentino, vista sempre elevada e pronta a estender-se a qualquer eventualidade que aparecesse, discurso com clareza e disposto de forma a persuadir. Pelo menos quando estive diante de mim, ele detinha um estado de espírito assim. O seu cabelo não era completamente escuro nem louro em absoluto. Controlados os extremos dessas cores, uma outra tonalidade maravilhosa tingia a cabeleira. Com efeito, o preto é áspero e desagradável, enquanto o louro é efeminado e sem virilidade, o passo que a conjugação de ambos nos homens conduz ao erotismo. Uma Safo deve ter-lhe delineado o discurso cheio de persuasão, graça e harmonia musical.

<sup>41</sup> Cf. Pl. *Lg.* 902d 9; Luc. *Demon.* 67, *Symp.* 26.

<sup>42</sup> Cf. Arist. *EN* 1129b 15; Pselo *Chron.* 2.6.

<sup>43</sup> Cf. *Gen.* 49:12.

<sup>44</sup> Arist. *EN* 1106b 9.

<sup>45</sup> Cf. Arist. *HA* 1.9 (491 Bekker).

<sup>46</sup> *Od.* 4.230; Arist. *HA* 1.9; Luc. *Alex.* 5; Plu. *Num.* 9.1.5, *Mor.* 15c, 17; Gal. *Thras.* 5.869.13.



Ficarias deveres pasmo e sairias com esta tirada lacónica: «Abençoado seja! Que homem divino!»<sup>47</sup> E, por outro lado, desejarias ouvi-lo falar.

[10] Quando esta nobre figura chegou ao templo e prestou a sagrada invocação ao mártir, da parte da multidão soltou-se o aplauso, enquanto realizava o seu procedimento habitual devoto ao comandante. Consequentemente, ele ficou no local prescrito e ordenou ao arcebispo que se colocasse ao seu lado, o que talvez seja norma ou hábito. Então, por parte daqueles que haviam realizado os rituais do festival com maior rigor (que congregação de espetadores tinham lá) ouviu-se uma salmodia mui divina, variada no seu ritmo, ordem e alternância artística, para maior regozijo. Não foram só homens que entoaram o hino; as freiras devotas da ala esquerda do templo, dividida em dois coros antifonais, também prestaram o rito ao mártir. Quando cada parte do espetáculo e serviço foi devidamente concluída, nós invocamos outrossim o divino da maneira habitual<sup>48</sup>, solicitando ao mártir um retorno seguro, após o que saímos, juntamente com toda a população e o *Dux*. Voltámos para os nossos aposentos.

Cidion, de que rol de línguas precisaria eu de ser favorecido para descrever-te as coisas terríveis que me sucederam depois disso? Se fico fora de mim apenas ao contá-las, então, quão grande imaginas que foi a dor que me atingiu, paralisado como estava por tão dolorosas e prejudiciais maleitas?

Cidion — Fala, mui nobre Timárion, e conta o que aconteceu contigo, já que finalmente conseguiste facultar-me um relato decente de todo o resto.

[11] Timárion — Pois bem, após regressarmos do festival para o alojamento, assolou-me uma violenta febre. Durou a noite toda, deixando-me meio morto e acamado, embora ansioso por empreender a minha viagem para casa. Esta, meu querido Cidion, foi a causa da minha lentidão, de que me indagaste no início da história. Pois o melhor era esperar que a doença seguisse seu curso, juntamente com a aplicação da medicação apropriada<sup>49</sup> para cada sintoma. Ora, superei aquele dia bem, ingerindo vegetais e vinagre. Mas, no dia seguinte (era o terceiro após o início), a febre assolou-me novamente e, diagnosticando-a mediante estritos princípios da medicina, reconheci tratar-se verdadeiramente de uma febre terçã. Por conseguinte, desvalorizando a doença que esperava ficar completamente curada ao chegar ao quinto período (que é a duração natural dela), parti confiante para Bizâncio, esperando livrar-me disso em breve e chegar a casa em segurança. Segundo parece, porém, o fim daquela febre acabou por ser o começo de agonias e o princípio da minha mortificação. De facto, assim que a febre baixou, fui atacado por uma inflamação no fígado e a mais terrível disenteria, fazendo-me vomitar o meu elemento biliar juntamente com sangue

<sup>47</sup> Cf. Pl. *Men.* 99d; Arist. *EN* 1145a 27–20.

<sup>48</sup> Heliod. 3.1.1.

<sup>49</sup> Cf. Galen. *De Temperamentis* 1.21.32.

puro, assim também destruindo a carne e rasgando o estômago como uma víbora. [12] Foi um caso digno de ver — muitas desgraças terríveis combinadas num único corpo. A fadiga da viagem em si não é menos capaz do que qualquer doença para esgotar até mesmo a constituição mais robusta. A inflamação do fígado era como uma fornalha; a diarreia, uma morte mais do que visível. A acidez interna, como garras de ferro. Além disso, um longo período sem comida — um caminho certo para a morte. Portanto, caro Cidion, sancionado por todas essas desgraças, um carregador de cavalos levou-me para Bizâncio, empilhado como um fardo. Durante muito tempo (na verdade, na maior parte da viagem), o meu pobre e miserável corpo exaurido conseguiu aguentar. Todavia, quando chegámos ao rio Hebro (que é o rio mais famoso da Trácia)<sup>50</sup>, então descansei, não só do percurso, mas da existência, pois eu havia chegado ao fim da vida. O Sono<sup>51</sup>, pai da morte<sup>52</sup>, segurando-me aí, levou-me para o Hades — como, não sei dizer. O medo e o tremor fazem-se presentes à medida que me recordo do que aconteceu e a minha voz está a ficar travada com receio.

Cidion — Não conseguirás, mui nobre Timárion, erradicar este encontro sem me contares o que te aconteceu na ida ao Hades.

[13] Timárion — Amigo Cidion, uma vez que o meu corpo se desgastou todo com a diarreia e simultaneamente em particular com o jejum de vinte dias completos, como é natural, tive o derradeiro sono<sup>53</sup>.

Existem no universo certos demónios justiceiros<sup>54</sup>, distintos da providência divina, para punir aqueles que transgridem as leis divinas. Há também as benevolentes que recompensam o bom. Outrossim, as condutoras de almas, cuja missão é levar para baixo, por qualquer meio, as almas que já deixaram o corpo, até Plutão, Éaco e Minos<sup>55</sup>, para se examinarem de acordo com os costumes e leis dos mortos antes de lhes serem distribuídos o seu lote e a localização. Foi isto que se passou comigo: pouco antes da meia-noite, uns indivíduos sombrios e de aspeto obscuro<sup>56</sup> vieram a voar pelo ar e puseram-se na minha cama, onde estava estendido, preparado para dormir. Assim que os vi, gelei com a estranheza da visão; tentei ao máximo gritar, mas a minha voz estava paralisada e o meu aparelho vocal não funcionava. Se foi um sonho ou o caso aconteceu<sup>57</sup>, não posso dizer, uma vez que o terror também subtraiu a minha faculdade de julgamento. Porque o assunto

<sup>50</sup> Cf., na atualidade, rio Maritsa.

<sup>51</sup> Cf. *Il.* 14.231; *Hes. Th.* 758–759.

<sup>52</sup> Cf. *Plu. Consolatio ad Apollonium* 10.

<sup>53</sup> Cf. *h. Merc.* 289.

<sup>54</sup> Cf. *Plu. Quaestiones Romanae* 51; *Syn. Epist.* 577.

<sup>55</sup> Figuras do plano da mitologia tradicional. Plutão domina o reino dos mortos; Éaco governa Egina; Minos, filho de Zeus e Europa, detém o comando de Creta.

<sup>56</sup> Cf. *Heliod.* 4.14.

<sup>57</sup> Cf. *Od.* 19.547; *Heliod.* 3.16.

estava claro e extremamente distinto, até agora parece estar à minha frente, tão assustador foi o que sucedeu então<sup>58</sup>. Quando se puseram sobre mim e puseram sobre a língua uma espécie de mordação inabalável, seja pelo horror da visão ou por algum feitiço misterioso, dizem em sussurro: «Este é aquele que perdeu um quarto dos seus elementos constituintes, vomitando toda a sua bílis, e não pode permitir-se que continue a viver com base na força dos restantes três<sup>59</sup>, em virtude da afirmação de Asclépio e Hipócrates registada numa estela do Hades, mediante a qual nenhum homem, mesmo que o seu corpo esteja em boa forma, continuará a viver, se ficar privado de um dos seus quatro elementos». Por conseguinte, persistiram em tom mais áspero, «Segue-nos, miserável, e junta-te ao número de companheiros mortos».

[14] Eu tive de seguir (que outra coisa poderia fazer, desprovido de toda a ajuda?), contra a vontade, transportado pelo ar da mesma forma que eles, leve, ágil, sem peso, com as pernas desimpedidas, a fim de que avançasse com leveza e sem quaisquer problemas, tal como as embarcações que navegam na direção do vento. Seria possível enquanto eu avançava ouvir um sopro, semelhante ao ruído das flechas quando são lançadas dos arcos. Assim que atravessámos sem ficarmos molhados o rio de que havemos falado, e também o Lago Aquerusiano — conforme aqueles também apelidavam —, alcançámos uma abertura subterrânea maior do que a que os poços possuem. A escuridão visível da ‘boca’ parecia desagradável e odiosa. Não queria descer, mas eles separaram-se e colocaram-me do meio. Um deles desceu de cabeça pela abertura e arrastou-me, com um olhar feroz. Resisti o melhor que pude, agarrando-me à boca com mãos e pés, até que o que seguia atrás me esmurrou as bochechas com os nós dos dedos e também me bateu nas costas, forçando-me assim com ambas as mãos para dentro daquele poço escuro<sup>60</sup>. Uma vez lá dentro, percorremos um longo caminho no escuro e na solidão!<sup>61</sup> Por fim, alcançámos o portão de ferro através do qual o reino de Hades se encontra fechado. Era impossível para qualquer um que houvesse entrado escapar. Trata-se de algo verdadeiramente aterrorizante, com o seu tamanho, peso e forjado em metal forjado. Não há nada feito de madeira, mas de ferro maciço; encontra-se fechado com ferrolhos adamantinos que possuem tamanho, peso e espessura volumosos<sup>62</sup>.

[15] Do lado de fora, estavam dragões de guarda com olhos ardentes e um cão com dentes muito afiados, que os Gregos chamavam Cérbero, deveres ferozes e, diga-se, aterrorizante. Lá dentro encontravam-se uns guardiães, homens sombrios e sérios, de aspeto assaz desagradável, esqueléticos e secos, como se tivessem acabado de vir de uma diatribe penosa na montanha. Mas,

<sup>58</sup> Vd. Luc. *Somn.* 5.

<sup>59</sup> Cf. Hp. *Nat. Hom.* 4.5.

<sup>60</sup> Para similar atitude de resistência em prosseguir para o Hades, cf. Luc. *DMort.* 22.1, *Cat.* 4.

<sup>61</sup> Cf. *Il.* 8.15; Luc. *Cat.* 4, *Patr. Enc.* 23.

<sup>62</sup> Vd. Pl. *Ax.* 371b; Luc. *Am.* 32, *Patr. Enc.* 23.

embora acontecesse serem muito ferozes, ao ver os condutores dos mortos, abriram os portões com entusiasmo. Cérbero, enroscando a cauda aqui e ali, abanava-a a latir, enquanto os dragões sibilavam suavemente e os psicopompos me passavam para o interior, sem resistência. Pois, estando desprovido de toda a ajuda, que outra escolha poderia ter, agora que fora trazido para um mundo aterrorizante e estranho?

Quando fui levado para dentro, os guardiães olharam-me fixamente e: «Este é aquele — disseram — de quem Éaco e Minos estavam a conversar ontem, que havia perdido o quarto elemento e que estava a tentar continuar a viver com a força dos outros três, sem bílis, desafiando a prescrição de Hipócrates, Asclépio e o resto do corpo clínico. Tragam esse desgraçado, que filosofava a respeito da composição do corpo. De verdade, como pode ser normal poder viver no mundo superior, sem se ter todos os quatro humores elementares<sup>63</sup>?»

[16] Cidion — Isso é assustador, meu muito querido Timárion, e só de ouvir dá-me arrepios. Porém, como conseguiste, em tamanha escuridão, ver o aspeto dos guardiães e ao que parece o restante?<sup>64</sup>

Timárion — Caro Cidion, tudo no Hades é escuro e sem sol. Todavia, o povo comum e vulgar possui luzes artificiais, umas a partir de madeira e carvão, outras de tochas<sup>65</sup>. Os notáveis em vida e mais iluminados penduram lucernas e vivem sob chama brilhante. Eu reconheci muitos deles, ao passar pelas moradas dos mortos e pela sua hospitalidade.

Cidion — Diz o resto, meu amigo, contando a história na sequência correta.

Timárion — Ora, quando metido para dentro do portão férreo, não mais nos fizemos transportar pelo ar, como anteriormente, nem continuámos a rugir e a zunir, como havíamos feito a fugir do mundo superior, como se fosse território inimigo. Mas começámos a andar, com calma<sup>66</sup>, em parte devido ao cansaço pela descida rápida, mas talvez também porque os psicopompos, por mais impiedosos que fossem, sentiram pena de mim. À medida que caminhámos, passámos por

<sup>63</sup> Considerem-se os princípios fundamentais, no seguimento pitagórico dos quatro elementos básicos/arquétipos (ar, fogo, terra, água), conjugando em simultâneo os quatro τόξεις, ‘graus’ outras tantas qualidades (quente, frio, seco, húmido), cuja combinação se reflete nos humores/fluidos hipocráticos (Plb. *Nat. Hom.* 3.3: sangue: quente e húmido; bílis amarela: quente e seco; bílis negra: frio e seco; fleuma: frio e húmido), estendendo-se às estações (bílis amarela: primavera; quente e seco: verão; bílis negra, frio e seco: outono; fleuma, frio e húmido: inverno), definindo temperamentos (respetivamente, sanguíneo, colérico/bilioso, melancólico, fleumático) e de cujo equilíbrio resulta a boa saúde. Para cada humor (fleuma, bílis preta, bílis amarela, sangue), um determinado número de qualidades em correspondência com a natureza — assim se constata a partir dos estudos de Areteu da Capadócia (séc. I), Rufo de Éfeso (séc. II), Galeno, árabe Ishaq Ibn Imran (séc. X), para já não recuar a escritos hipocráticos ou aristotélicos. Vd. sintomas de melancolia (cf. μελαγχολία: μέλαν, ‘negro μέλαν’ + χολή, ‘bílis’, ‘bílis negra’). Cf. Troca Pereira, 2022, pp. 24–5.

<sup>64</sup> Cf. Luc. *Luct.* 2, *Nec.* 9.

<sup>65</sup> Cf. *Od.* 18.306–310.

<sup>66</sup> Cf. Luc. *Rh. Pr.* 3.

muitas construções pobres e humildes<sup>67</sup> e todos, no conjunto dos lugares, vinham ao encontro dos condutores dos mortos e levantavam-se, como estudantes face aos mestres.

[17] Em seguida, chegámos a uma albergaria iluminada pela luz. Ao lado, estava deitado um velho com uma barba não muito comprida. Estava reclinado sobre o cotovelo esquerdo e apoiava o lado da face com a mão esquerda. Ao lado dele, apresentava-se um grande pote de bronze cheio de carne de porco salgada e repolho frígio, tudo encharcado de gordura. O velho inseria lentamente a mão direita no pote, não usando apenas dois ou três dedos, mas, com a mão inteira, levava avidamente à boca, a ponto de lamber o que estava a escorrer pelo queixo. Parecia, pela sua expressão, ser decente e agradável. De igual modo, observava amigável e alegre quem passava; e a mim, desferindo um olhar agradável e calmo, afirmou: «Vem, senta-te ao meu lado, estrangeiro, enfia a tua mão no pote e aproveita ao máximo o banquete festim dos mortos.» Eu, contudo, não queria, tanto porque havia perdido as minhas várias faculdades, graças à mudança de vida que sofri, como porque tive medo de que os psicopompos me servissem socos. Eles, todavia, trocavam saudações com os mortos, como se voltassem de uma longa viagem e estivessem absortos nas suas conversas, o que me deu a oportunidade de ver como se procedia entre os mortos.

Enquanto olhava para esse velho, um homem de entre muitos da comunidade, de boa aparência, abordou-me e perguntou-me ponto por ponto quem era, de onde vinha e por que tipo de morte havia sido levado para o Hades. E eu retorqui-lhe a verdade, ponto por ponto. [18] Como eu estava envolvido com esse homem, perguntei-lhe quem era o velho e qual o nome dele. Aquele bom homem e já nosso anfitrião disse: «Não inquiras, recém-chegado, o nome do velho. De facto, não é seguro para ti indagar acerca disso, nem para mim responder, porquanto Éaco e Minos emitiram uma lei estrita contra quem perguntar ou divulgar a identidade do velho. Sob esta restrição legal, esse assunto caiu na categoria de inomináveis. No entanto, vou contar-te tudo o que legalmente pode ser dito<sup>68</sup> sobre ele. Vem da Grande Frígia, dizem<sup>69</sup>, de uma família nobre e famosa. Viveu uma vida boa na terra, morreu de velhice na riqueza e agora, como podes ver, habita uma morada no Hades, sob oleosa gordura.» — isto dizia o estrangeiro.

Quando dei uma volta com os olhos em torno de mim, vi dois grandes ratos gordos e de aspeto brando, como os porcos que os homens criam em casa e engordam com farinha e farelo. Ofegante para respirar diante da estranheza dessa visão, virei-me para o bom homem e disse: «Amigo de maior honra, tudo no Hades parece verdadeiramente odioso e abominável, o tipo de coisas que na vida particularmente se prestam a ser amaldiçoadas. E os ratos que vós tendes, eu

<sup>67</sup> Cf. Luc. *Cat.* 2, 21.

<sup>68</sup> Cf. receios face a limitações similares Luc. *Nec.* 2.

<sup>69</sup> O escrito parece aludir ao conhecimento da figura por parte dos leitores da época. Para assegurar o reconhecimento, por certo não será despiciente o facto de referir-se pertencer à mesma localidade do *Dux* tessalónico. Cf. Tsolakis, 1990, p. 115; Vlachakos, 2002, p. 25.

considero a coisa mais insuportável de tudo. Para alguém como eu, que detesta mais essas criaturas do que qualquer outra coisa repugnante, a catábase<sup>70</sup> parecia constituir algum tipo de consolação, pois pelo menos ficaria livre dessa problemática. Mas se eu também tiver que lutar contra eles, então preciso de uma segunda descida a um Hades diferente<sup>71</sup>.»

[19] Após uma pausa, aquele gentil estrangeiro disse: «Companheiro, estou surpreso com a tua ingenuidade e manifesta ignorância dos assuntos. Não percebes que todos os ratos nascem na terra e surgem de pequenas rachaduras no chão, que ocorrem em tempos de seca?<sup>72</sup> Portanto, é mais natural que eles vivam no subsolo e se multipliquem no Hades do que no topo, no domínio dos vivos<sup>73</sup>. Não chegam até nós lá de cima, mas sobem à superfície vindos do nosso mundo, aqui em baixo. Portanto, não deves surpreender-te ao encontrar ratos aqui entre nós, mas entender que eles estão acostumados e existem connosco, despreocupados com o musaranho e os pânicos que este lhes provoca. Não observas como eles estão felizes ao ver o velho a comer? Quanto se regozijam, sacudindo as mandíbulas e lambendo os lábios com a língua, como se houvessem ficado mais saciados com a gordura do que o velho?» Olhei atentamente para os ratos e vi que o que ele disse era verdade. «Todavia vês — continuou —, como estão a ir em direção à barba<sup>74</sup> do velho e à espera de que ele adormeça? Assim que ouvem os roncos que ele dá ao dormir, como numa cena trágica, esgueiram-se a passar pelo queixo, lambendo o caldo gorduroso e devorando com saciedade até ao último trago pendurado. É onde vivem, e podes observar que é assim que engordam<sup>75</sup>.»

[20] Devido à ocupação temporária dos meus guias, tive hipótese de descobrir isso. Mas então aproximaram-se e retomámos a jornada. Quando tínhamos viajado cerca de quatro estádios<sup>76</sup>, passando por muitas habitações, alcançámos uma que era iluminada tanto pela luz de lucerna, como por uma tenda muito clara<sup>77</sup>. Um gemido alto vinha desta tenda. Olhei em redor e percebi que os guias estavam uma vez mais detidos a falar com os mortos (seus conhecidos e parentes, segundo parecia). Como tal, esgueirei-me silenciosamente até à tenda, como um ladrão, e espreitei por uma

<sup>70</sup> Cf. Luc. *JTr.* 8, *Gall.* 24.

<sup>71</sup> Cf. Luc. *DMort.* 7.2.

<sup>72</sup> Cf. Arist. *HA* 66.37; Plin. *HN* 10.85.

<sup>73</sup> Cf. Arist. *HA* 580b.

<sup>74</sup> O paradigma tradicional do filósofo (vd. Hermágoras, *Pródromo*, *Xenedemo* 10–12) como um vulto barbado recolhe a desaprovação de alguns autores. Cf., a título ilustrativo da sátira lucianesca de Teodoro Pródromo, *Κατὰ μακρογενεΐου γέροντος*. A poesia retrata Tucrito (vd. Luc. *DMort.* 16), um velho de barba extremamente comprida, pesada e odor pestilento, que radica no conjunto de pelos faciais a fonte da sua sabedoria (30–32). A lição, porém, conclui ironicamente que, caso a premissa fosse verdadeira, as cabras também seriam sábias (70–75). Eis, na generalidade, um reparo dirigido a intelectuais, professores e retóricos bizantinos do século XII, através de um velho (*μονόφαγος*) que, em virtude da sua ‘barba filosófica’, pretende ser filósofo.

<sup>75</sup> Vd. Luc. *ProMerc. Cond.* 34, a propósito da cadela Mirrina, de que um filósofo se encarregou de cuidar, que comia o resto de alimentos (viz. vestígios dos da sopa do dia anterior) caídos na barba.

<sup>76</sup> Cf. *stadium*, unidade de medida, c. 600 pés de Héracles.

<sup>77</sup> Tenda de Romano IV Diógenes.

fresta para ver o que havia dentro e a quem pertencia aquele mui profundo e melancólico gemido. Ali deitado no chão estava um homem cujos olhos haviam sido arrancados com um ferro. Estava apoiado no cotovelo do lado esquerdo, com um tapete espartano estendido por baixo de si. Era um indivíduo de grande porte, não cheio de carnes no seu todo, particularmente ossudo e de peito largo. “Repousava na sua plena grandeza, esquecido da habilidade equestre.”<sup>78</sup> Nem se parecia com “um homem que vive de pão, mas um cume montanhoso.”<sup>79</sup>

Outro velho estava sentado ao lado dele, tentando aliviar o grande peso do seu sofrimento com palavras e conselhos. Todavia, segundo parecia, não queria deixar-se convencer, constantemente a abanar a cabeça e a afastar o velho com a mão, enquanto o veneno escorria da boca.

[21] Quando já tinha visto bem tudo ali, comecei a procurar um lugar fora da tenda de onde eu pudesse ficar a ver os meus guias e deparo-me com um dos mortos, um indivíduo velho, segundo parecia, de aspeto elegante, como aqueles que são levados da vida por febres arrasadoras. Ao ver-me, apercebeu-se, devido à minha cor, de que eu era um morto recente (na realidade, aqueles que acabam de chegar ao Hades conservam um pouco de sua tonalidade rosa em vida, graças à qual são facilmente reconhecidos pelos antigos), e aproximando-se de mim saudou-me: «Bem-vindo — afirmou —, cadáver recente, conta-me acerca das coisas na vida! Quantas cavalas por um óbolo? Qual é o preço dos bonitos<sup>80</sup>, dos atuns e das espadilhas? E o preço do azeite, do vinho, do milho, e do resto? Não obstante, estava a escapar-me o mais importante de tudo: tem havido uma boa pescaria de sardinhas? Na altura em que estava forte, abastecia-me delas agradavelmente em vida. E para mim tinham valor superior ao do robalo.»<sup>81</sup> Ele disse isso, eu facultei-lhe toda a verdade, em resposta a cada uma das suas perguntas, e quando lhe contei sobre as notícias da vida, pedi-lhe em troca que me dissesse quem era a pessoa que morava naquela tenda, e o velho que estava agachado ao seu lado, bem como o motivo do gemido.

[22] Por seu turno, aquele homem comum afirmou: «A pessoa que mora nesta tenda, cujos profundos gemidos ouviste, é o famoso Diógenes da Capadócia. Em todo o caso, conheceste a respeito da vida dele, que subiu ao trono, fez uma expedição contra os Citas Orientais<sup>82</sup>, e ficou prisioneiro. Depois, foi libertado, mas ao regressar a Constantinopla, não lhe restituíram o trono, contudo, dominado por uma conspiração e atraído, tornou-se cego, como podes ver, também foi afetado com um veneno horrível, que por dolo lhe ministraram. O velho agachado ao lado é um eupátrida da Grande Frígia. Foi usado em vida como conselheiro e parceiro dos

<sup>78</sup> *Il.* 16.775–776; *Od.* 24.40, 9.191.

<sup>79</sup> *Od.* 9.190–192.

<sup>80</sup> Entenda-se ‘atum bonito’, espécie de atum pequeno.

<sup>81</sup> Cf. *Luc. Icar.* 24.

<sup>82</sup> Turcos Seliúcidas que venceram Romano Diógenes. Vd. Krallis, 2013, p. 231.



feitos alcançados. E agora, lamentando a sua sorte e em memória de sua antiga proximidade, ele<sup>83</sup> permanece constantemente com o homem, procurando, tanto quanto possível, aliviar o fardo das suas mágoas com palavras adequadas e reflexões.»

Aquele homem vulgar estava a contar isso, quando os guias voltaram de novo e me levaram de forma mais apressada: «Anda mais rápido — diziam-me —, para te apresentares ao colégio de juízes e fiques logo livre de nós.»

«E aqui também há um colégio de juízes — dizia eu —, ações judiciais e julgamentos como em vida?»

«E mais do que isso. — afirmaram eles — Aqui, toda a vida de um homem é inspecionada ponto por ponto e ele é julgado de acordo com cada um dos aspetos e nunca poderá haver recurso da decisão do conjunto de juízes.»

[23] Íamos a falar isso e tínhamo-nos movido apenas um curto espaço antes de sermos abordados por um homem alto, de cabelo branco, corpo enrugado, ainda assim elegante. Estava por certo cheio de loquacidade, pois dilatava as bochechas enquanto falava e desatava a rir às gargalhadas, dirigindo-se aos psicopompos: «Saudações. Quem é esse novo cadáver que agora estais a levar?» Olhando, virou os olhos para mim e examinou atentamente o aspeto.

Após uma breve inspeção, gritou às largas e com clareza: «Caros deuses<sup>84</sup>, este é Timárion? O meu queridíssimo Timárion, com quem muitas vezes tive bons repastos e que costumavam assistir às minhas palestras quando eu assegurava a cátedra da sofística em Bizâncio?»<sup>85</sup> E havendo lançado ambas as mãos em torno de mim, deu-me um abraço cordial.

Eu estanquei de vergonha por ter sido assim recebido por um homem de tão grade importância, segundo aparentava, embora eu não conseguisse reconhecer quem estava a receber-me, sem ter ideia de quem ele era, desconhecia, como é natural, a forma correta de retribuir a saudação. Ele viu o meu dilema e sanou-o, antecipando a questão: «Desconheces — disse —, meu bom amigo, Teodoro de Esmirna, o mais ilustre sofista, que ganhou fama em Bizâncio, pela declamação de discursos solenes e distintos?» Ao ouvir isso, fiquei impressionado com a nova figura e a disposição do corpo, e retorqui: «Sofista, lembro-me da voz, das brilhantes palestras, da distensão de boca e do largo corpo, marcas que acompanhavam a vida do sofista de Esmirna. Mas não consigo conciliar aquele homem, cujo corpo ficou deslocado com artrite; que teve de ser carregado numa liteira para

<sup>83</sup> Figura identificada por alguns (viz. Hase 1813: 146; Romano 1974: 137) como o arménio Catatures, nomeado governador de Antioquia por Romano Diógenes. Já outros (e.g. Dräseke 1912: 483–490) consideram-no Miguel Pselo.

<sup>84</sup> Invocação retórica, apelando estilisticamente a deuses pagãos (φίλοι θεοί).

<sup>85</sup> Vd. Luc. *Gall.* 10.

declamar diante do imperador; e de comer apoiado no cotovelo com esta pretensa saúde<sup>86</sup> de físico em forma.»

[24] «Eu irei libertar-te do problema — respondeu o sofista —, mui bom discípulo. Na vida de cima, fiz muitos discursos para agrado dos monarcas, pelos quais ganhei muitas peças de ouro e desfrutei de vários benefícios invulgares. Mas desperdicei tudo em banquetes extravagantes e jantares sibaritas. Tu mesmo, que frequentemente fizeste refeições comigo, sabes que a manutenção da minha mesa era própria de um tirano. Essa foi a razão da artrite e do empedernimento dos dedos, em virtude da acumulação excessiva de resíduos fleumáticos inseridos, que deixou as articulações obstruídas e endureceu como pedra. As agonias consequentes desgastaram-me de corpo e alma. Por isso, padecia e o físico constituía um fardo inútil para mim. Porém, aqui é tudo ao contrário: um estilo de vida filosófico, comida simples, uma vida tranquila, isto é, despreocupada. Então, acalmei o meu estômago embrulhado com uma dieta de agrião, malva e asfódelo; e agora estou plenamente convencido de que é correto o que afirma o de Ascra<sup>87</sup>. Nem sabem “quão grande é a frescura da malva e do asfódelo.”<sup>88</sup> Ora, deixa-me dizer que na vida superior eram a destreza verbal e a habilidade de agradar o público que contavam. Aqui em baixo, é tudo filosofia e verdadeira cultura, com menos exposição demagógica. Contudo, eu contei-te tudo isso para limpar a confusão da tua alma e para podermos voltar aos nossos termos iniciais. Não ficarás em dúvida sobre o que me aconteceu, mas dirás a quem te iniciou nos mistérios por que tipo de morte foste privado da vida, e qual a razão em virtude da qual vieste juntar-te a nós?»

[25] «Não tive nenhuma causa de morte, ó melhor dos mestres — respondia eu —, nem espada de inimigo, ou pirataria, ou infortúnio, tampouco uma doença prolongada a exaurir o meu corpo, mas, ao que parece, o abuso de autoridade por parte desses psicopompos junto de vós que, de forma violenta, me arrebataram de um corpo que ainda estava com vida. Para facultar-te um resumo do que aconteceu comigo do princípio ao fim, estive em Tessalónica por um motivo específico e planejava retornar a casa, quando fui acometido por uma febre alta, juntamente com uma inflamação do fígado. Para mais, tive uma secreção inextinguível de fluxo intestinal. Toda a bÍlis foi expelida com um pouco de sangue à superfície, que a tornou vermelha. Tive disenteria constante até chegarmos ao rio Hebro (conheces aquele grande rio na Trácia, que é suficientemente profundo para barcos). Assentámos aí, à beira rio, de modo que tanto eu como os cavalos que me carregavam pudéssemos descansar. Passar aquele final de tarde lá fez-me suportar pacientemente a maleita. Então, pareceu-me bem permanecer outrossim uma segunda noite. Assim foi. A noite

<sup>86</sup> Relativamente a comportamentos excessivos decorrentes de gluttonia como fator de maleita, cf. Pselo *Chr.* 2.7; Luc. *Cat.* 2, *Smn.* 23. Vd. obeso Tesmópolis, com necessidade de ser transportado por escravos, em Luc. *Somn.* 10.

<sup>87</sup> Entenda-se ‘Hesíodo’.

<sup>88</sup> *Od.* 18.2; Hes. *Op.* 40–41; Plu. *Mor.* 157f, 940c; Gal. *De Alim. Fac.* 6.652.5. Cf. Luc. *Cat.* 2, *Somn.* 23.

chegou, estavam todos a dormir, incluindo eu próprio. Mas, na calada da noite, quando eu ainda estava no descanso com portas abertas, esses psicopompos telquinos<sup>89</sup> apareceram ao lado da minha cama, quando ainda estava nos sonhos. Ao vê-los, fiquei mudo e não conseguia acordar. Assim, com essa aparição<sup>90</sup>, fui retirado do corpo, sem ter ouvido outra razão alegada por eles para a extração, além de: «Este é aquele que perdeu um dos seus elementos: toda a bÍlis. E foi decretado por Asclépio, Hipócrates e o resto dos profissionais de medicina que, por conseguinte, ninguém tal estado poderá continuar a viver. Portanto, este desgraçado deve ser separado do corpo.»

[26] Isso foi o que eles disseram. E eu, comandado por uma força que não sei explicar, estava a amarfanhado como um tufo de lã e fui simplesmente soprado pelas narinas e boca, como a respiração que sai quando se boceja. E agora, como podes ver, fui levado para o Hades, o que me faz lembrar isso de forma poética: “A alma que esvoaçou dos membros corporais andou para o Hades.”<sup>91</sup> Só que, se as palavras dos malditos sofistas sobre o destino são verdadeiras, eu ainda não tinha cumprido o tempo de vida que me foi atribuído, mas fui retirado à força do corpo. Então agora, caso existam realmente tribunais e julgamentos no mundo ctónico, que punem as ações injustas, comtempla como poderás facultar ajuda a mim, teu discípulo, impondo uma acusação de procedimento ilegal contra esses malditos.» Referia essas coisas e chorava! Ele, despedaçado com o meu lamento, dispôs-se, com a maior simpatia<sup>92</sup>: «Anima-te, bom homem, vou ajudar-te acima das minhas forças, e posso afirmar com segurança que regressarás a uma segunda vida e terás a ressurreição<sup>93</sup> que desejas. Tu, porém, trata apenas de enviar dali o que mais desejo — algumas das minhas comidas favoritas.»

[27] «O quanto estás a referir agora — disse eu —, vou acreditar quando acontecer, pois parecem-me enigmas verdadeiramente prodigiosos, como as coisas que os escultores e os pintores criam nas oficinas, designadamente, hipocentauros, esfinges, todas as outras criações mitológicas<sup>94</sup> dos antigos. Mas diz-me só, melhor dos sofistas, em que baseias a tua jubilosa promessa de libertar-me, uma

<sup>89</sup> Tribo mitológica de criaturas de natureza marítima, descendente de Talassa ou de Posídon e destruída por Zeus (Ov. *Met.* 7.367). A proveniência varia entre Creta, Chipre e Rodes (cf. Str. 10.3.19). Os Telquinos surgem reportados enquanto feiticeiros e demónios (Ov. *Met.* 7.366), artífices (e.g. tridente de Posídon, foice do parricídio cometido por Crono, Call. *Del.* 31), formadores (viz. infância de Zeus, em Creta, recebendo a designação de Curetes), agricultores.

<sup>90</sup> Vd. φαντασιούμενος. Vd., em termos linguísticos, aparições — εἶδωλον — (F)εἶδος, ‘forma’, εἶδω, ‘ver’, perf. οἶδα — subst. ὄψις; εἶδομαι, ‘parecer’; ψυχή, σκιά, ἵνδαλμα, φάσμα/φάντασμα. Cf. φάω, φαίνω, ‘ver’/monstrum, manes, umbra, effigies, simulacrum, imago.

<sup>91</sup> *Il.* 16.856, 22.362; *Pl. R.* 386d; *Plu. Mor.* 17c.

<sup>92</sup> Vd. simpatia, no sentido de ‘sofrer com’ (συμπάθεια: σύν, ‘com’ — πάθος, ‘dor’).

<sup>93</sup> Cf. ἀναβαίνω, ‘subir, ascender’.

<sup>94</sup> Será reducionista e erróneo julgar a complexa e multifuncional realidade mitológica como mera confabulação, defendendo uma dicotomia entre *mythos*/ψευδής (‘falso’) e λόγος (‘razão’ — sentido no séc. V a.C.)/ἀλήθεια (‘verdade’). Cf. Paléfato (Pref. *Περὶ ἀπίστων, Sobre Fenómenos Inacreditáveis*) distinguindo três posições da recessão dessa antinomia tradicional: os que acreditam nas histórias tal qual lhes são apresentadas; no oposto, os que não conferem factualidade aos mitos; os que partem do princípio icónico dos mitos, cujo aparecimento tivera origem em factos históricos (histórias e factos/trabalhos — λόγοι/ἔργα) e (ou) em nomes (ὀνόματα), transmitidos e conservados de forma deturpada pela repetição, uso e tempo. Tratar-se-ia, pois, de uma linguagem enigmática capaz de preservar a memória de certos eventos, fazendo uso da imaginação e do fantástico e apelando para a descodificação, ultrapassando interpretações literais. Assim, em todas as histórias convém efetuar um exercício de exegese, de forma a perceber a mensagem velada.

vez que o caso será julgado por Éaco e Minos, que são helenos<sup>95</sup> e hostis a nós, galileus, como tu, que calha seres também místico e pupilo de Cristo.»

«Tu mesmo não desconheces — afirmou o sofista — a base do meu total otimismo. Posso uma mente aguçada, capaz de combater com sagacidade qualquer controvérsia e é rápida a formular a resposta apropriada a todos os argumentos contrários. Tenho outrossim uma perspicácia pronta que se evidencia, um estilo fluente e articulado, bem como alguma linguagem médica. Preparado com tudo isso, encontrarei um fundamento, por menor que seja, para a minha causa e lutarei contra esses espertos deuses da área da medicina dos Helenos. [28] De facto, Asclépio, em virtude da sua vã glória e falsa divinização, não pronuncia uma palavra há muitos anos. Mas se ou houver uma necessidade e for forçado pelas perguntas de outras pessoas, quem questiona é obrigado a adaptar o seu inquérito de maneira adequada a que ele indique a resposta assentindo ou negando com a cabeça. Seria assim que Asclépio daria o seu veredicto.

Hipócrates, se é que fala, não dirá muito, e o pouco que possa declarar serão monósticos ou no máximo dísticos. E mesmo esses serão obscuros, não muito apropriados em tribunais, por exemplo, “Prescrever e administrar coisas cozidas, não cruas”<sup>96</sup> e “Usar nas perturbações do ventre e vômitos”<sup>97</sup> — coisas ridículas para juízes, que falam uma linguagem diferente.

Já Minos é um cretense, e Éaco é um genuíno grego da Tessália da antiga Hélade. E se algum morto jónio ou dório tenta abordá-los, eles imediatamente riem e desatam às gargalhadas com prazer.

Erasístrato, por seu turno, conquanto não versado nas artes sofisticadas, mostra-se também desprovido de formação em gramática e nem sequer é um teórico competente de medicina. Apenas adquiriu aquela sua reputação, graças à qual conseguiu descobrir o amor de Antíoco por Estratonice, que foi a fonte da sua magna ascensão<sup>98</sup>, sem base médica, pelo seu conhecimento natural e prática em vários assuntos.

[29] O demónio Galeno, aquele que eu temo mais do que os outros, está, neste momento, providencialmente ausente do conclave médico. A razão é, pelo que ouvi dos seus próprios lábios há pouco tempo, o seu livro *Acerca das várias febres*<sup>99</sup>. Ele está atualmente recolhido num canto, longe de todo o barulho e preocupação, ocupado a adicionar outro apêndice das faltas do livro. Referiu então que o apêndice acrescido seria maior do que o anterior. Estando ausente, é, pois, um parco labor para

<sup>95</sup> Entenda-se ‘pagãos’.

<sup>96</sup> Hp. *Aph.* 1.22; Gal. *De Sanitate Tuenda* 6.264.4, *De Crisibus* 9.854.6.

<sup>97</sup> Hp. *Aph.* 1.2.

<sup>98</sup> Em apreço, Erasístrato, na qualidade de médico de Seleuco I Nicator, pai de Antíoco I Soter (reinante entre 281–261 a.C.), enfermo a quem facultou o diagnóstico fatalista de ‘mal de amor’, tradicionalmente considerado uma maleita incurável (cf. efeitos físicos como voz obstruída, rubor ardente, visão obscurecida, suores repentinos, palpitações irregulares e tumultuosas, e por fim, após sua alma haver sido tomada por dificuldades: deslumbramento e palidez, segundo Plu. *Demetr.* 38). De facto, nutria afeto por Estratonice (filha de Demétrio Poliorcetes, casada com Seleuco), de que procura libertar-se, negligenciando medicamentos e nutrição. Por seu turno, o pai decretaria o matrimónio de Antíoco e Estratonice, por forma a aliviá-lo da dor. Vd. App. *Sir.* 10; Luc. *Syr. D.* 17.18.

<sup>99</sup> *De Differentiis Februm*.

mim superar esses médicos ilustres e sem palavras. Contudo, não tenhas medo dos juízes pelo facto de eles possuírem crença helénica. Na realidade, são genuinamente dedicados à justiça. Precisamente por essa razão ascenderam ao supremo tribunal. Não estão preocupados com a diferenças de doutrina religiosa dos requerentes dos processos, nem dos que se apresentam diante deles. É permitido a cada um seguir a religião da sua escolha, como deseja. No entanto, visto que a doutrina dos da Galileia galileus se espalhou por todo o mundo habitado, prevalecendo, como acontece em toda a Europa e em grande parte da Ásia, a providência divina considerou que alguém com essa profissão de fé deveria sentar-se no banco, juntamente com aqueles antigos juízes helénicos. E de momento Teófilo, que já governou em Bizâncio, aplica a justiça como eles, e nenhuma medida se implementa sem o seu consentimento. Sabes, a partir dos relatos dos historiadores a propósito dele, o quão extremamente justo era<sup>100</sup>. Portanto, não há nenhum motivo razoável para temer que nós sejamos negligenciados ou fiquemos privados do devido processo. Teremos apenas de apresentar-nos no tribunal. Quanto a ti, vê lá se tens tento a falar, já que não és bom a advogar. Ceder-me-ás a palavra sem limite.»

[30] Nesse momento, os psicopompos aproximaram-se e perguntaram se eu era seu conhecido. Ele confirmou que eu era seu discípulo. «Irei convosco e ajudá-lo-ei a apresentar o seu caso contra vós, porquanto há sido tão injustamente tratado ao ver-se arrancado da vida antes da hora.

Dito isso, partimos todos juntos e prosseguimos o nosso caminho. Quando tínhamos percorrido cerca de quinze estádios, através daquela terra escura e sombria, finalmente vislumbrámos um raio de luz a brilhar ao longe. À medida que nos avizinhamos, foi-se ampliando, e assim, aos poucos, fomos conseguindo emergir da escuridão e encontrámo-nos num lugar bem iluminado, que tinha água corrente, estava coberto de todos os tipos de plantas, e irrigado por um enorme rio. Havia bosques de todo o género e pardais a cantar de modo muito nítido e doce, tudo isso sobre um manto de relva verde. Como fiquei a saber pelo sofista, que já era um especialista em assuntos do Hades, o inverno nunca toca a terra, nem há nenhum fenómeno atmosférico. Tudo é indestrutível e sem idade<sup>101</sup>, as árvores dão frutos, mas nunca murcham, a única estação é a primavera, absolutamente imutável e inalterada. Do que ouvi do sofista quando começámos a ver o raio de luz ao longe, isso correspondia aos Campos Elísios e prados de asfódelos que são tão famosos na terra<sup>102</sup>.

[31] Quando chegámos ao local iluminado, sentámo-nos a pedido do sofista e descansámos um pouco na relva. Depois, levantámo-nos e fomos ocupar os nossos lugares no tribunal. Pelo menos eu, sem ter experiência nos assuntos que aconteciam ali, e sobretudo porque era inservível para falar, fiquei muito nervoso, fui até ao sofista e confidenciei-lhe o meu terror. Por seu turno, ele recuperou o meu ânimo com o seu discurso experiente e assegurou-me que tudo iria correr bem. «A única coisa com que deves preocupar-te — observou ele —, é em garantir que mandas as coisas de que preciso

<sup>100</sup> Cf. Signes, 2014, pp. 449–60.

<sup>101</sup> Vd. *Il.* 12.323, 17.444.

<sup>102</sup> *Topos de locus amoenus*. Cf., na épica odisséica (4.566, 7.94–95, 8.27); *Pl. Ax.* 371b–d; *Verg.* 6.637–644; *Luc. Luct.* 5., *Nec.* 11, *VH* 2, 5, 12, 13, 14.

do mundo superior quando regressares lá. Todo o tempo que estive aqui em baixo, não me serviram uma sopa enriquecida com gordura de porco. Receberás a lista completa quando o teu retorno à vida for decretado pelo tribunal.» Referindo esses e outros aspetos, continuámos a andar e, nem a um ‘tiro de flecha’, apareceu o tribunal<sup>103</sup> e ficámos a saber que já tinha sido concluído um caso. Foi o injusto assassinato de César cometido por Bruto e Cássio. Qual foi o resultado de sentença não posso dizer, estando tão absorto nos meus próprios problemas para prestar muita atenção aos de qualquer outro.

[32] Após deixarem aqueles, os oficiais de justiça vieram até nós e afirmaram: «O que alegas tu, morto recente? Serás convocado para o tribunal.» O sofista, dando-me uma cotovelada nas costas, foi quem falou: «Ministros da justiça, levem-nos diretamente aos meritíssimos juízes, e observai o acontecimento mais ímpio e ilegal de que há memória, designadamente o perpetrado por esses belos psicopompos sobre este miserável. Então, comprometendo-nos a ser julgados por vós, mais íntegros dos juízes, de acordo com as leis dos mortos, libertamo-nos desses perversos psicopompos e invocamos Minos. Éaco e Teófilo de Bizâncio contra esses malditos homens avessos à justiça. Detenham-nos e levem-nos perante o tribunal para serem julgados por violarem as leis dos mortos. A que propósito determinaram no Hades arrebataram a alma de um corpo que ainda estava com alento, pertencente a um indivíduo que, embora doente, estava agarrado à vida no dorso de um cavalo e que poderia comer uma galinha inteira em cada dia?»

[33] Isso afirmou o sofista e os oficiais de justiça, agarrando os psicopompos pelas mãos, conduziram-nos juntamente connosco ao tribunal, e apresentámo-nos todos diante de Éaco, Minos e Teófilo, o Galileu, que estavam sentados. Os helenos usavam um traje extremamente largo; turbantes nas cabeças, como chefes árabes. Também envergavam botas altas de cor violeta. Teófilo, por outro lado, não usava nada claro ou brilhante. Estava vestido de preto, simples e discreto. Dizia-se que era muito austero de aparência e sóbrio, mesmo quando imperador. O que fez de mais brilhante e ambicioso prendeu-se com o julgamento honesto e todas as outras virtudes. Porém, embora possuindo tamanha aridez, irradiava benevolência pelos seus olhos, e de face estava resplandecente e confiante. Ao lado, posicionava-se um ser vestido de branco, imberbe, como os eunucos que servem as imperatrizes; também ele intensamente brilhante e o seu rosto emitia brilho como o sol. Sussurrava constantemente ao ouvido do imperador. Por mim, perguntei ao sofista: «Pelo que me contaste ontem, reconheço que o indivíduo sentado é Teófilo de Bizâncio. Porém, não sei quem é o eunuco que está ao lado.» O sofista referiu: «Mui ilustre Timárion, desconheces que a cada monarca cristão foi atribuído um anjo para aconselhá-lo sobre o que deveria fazer?! Está junto dele aqui, assim como o acompanhava na vida.»

Falávamos isso uns com os outros, e os psicopompos emitiam um sibilo.

<sup>103</sup> Vd. *Gen.* 21:16. Cf. cenário similar, *Pl. Ax.* 371c; *Luc. Cat.* 13, 23, *Nec.* 11, *VH* 2, 6–10. A título de paródia do processo judicial, *Ar. V.* 760–1008.



O sofista, depois de empolar a boca como habitual, colocar feições sóbrias, cruzar as mãos, vociferou algo com muito nitidez: [34] «Timárion, filho de Timonico, acusa Óxibas e Níction<sup>104</sup>, condutores de mortos, de conduta ilegal. Pois as leis dos mortos determinam expressamente que nenhuma alma seja levada para o Hades antes de o corpo estar fatalmente afetado por completo ou numa das suas partes vitais e de libertar-se da energia do espírito. Para mais, mesmo quando o corpo for separado, a alma permanece fora sentada ao lado, até três dias, e assim permite-se aos psicopompos tomá-la. Mas eles, sem se preocuparem com nenhuma dessas determinações divinas, embora Timárion ainda estivesse bem e vivo, na verdade ainda a beber e a montar, esses psicopompos, bons e acutilantes além do devido, apresentaram-se-lhe pela calada da noite, no alojamento perto do rio, separaram à força a alma do corpo, não obstante encontrar-se arreigada com firmeza ao seu físico e ser difícil de extrair. Por isso, ainda está impregnado de sangue e caem dele pastas secas do sangue que fluía resolutamente no corpo, no momento em que foi brutalmente apartado. Como tal, juízes, é justo que o homem retorne uma vez mais, recupere o mesmo corpo e complete o tempo que lhe foi destinado. Na altura devida, quando forem separados<sup>105</sup> por causas naturais, será novamente trazido aqui para baixo e legitimamente incluído entre os mortos.»

Referiu isso, e Minos, olhando mais acremente para os psicopompos, afirmou: «Falai vós também, seus canalhas, o vosso parecer relativamente a isto. Não vai ficar bem para vós, caso se demonstre que haveis transgredido as leis dos mortos.»

Níction, sendo mais desinibido do que Óxibas, afirmou: [35] «Mui venerados juízes, temos assumido esta incumbência desde o início dos tempos (de certo, a partir de Crono), estamos familiarizados com os procedimentos próprios e conhecemos todas as razões certas para trazer uma alma para o Hades. Observámos, desde Tessalónica até ao maior rio na Trácia, esse miserável Timárion, em vias de perder por disenteria o seu quarto elemento, a bílis. E, de acordo com os preceitos estabelecidos pelos maiores médicos, não é natural que um ser humano continue a viver com três elementos. Quando vimos que, num espaço de trinta dias e noites, ficou falho de bílis, fomos à sua cama e reclamámos a sua alma, já que não era lícito que permanecesse em tal corpo. Quanto a vós, honorabilíssimos juízes, apresentai o veredito; e nós submeter-nos-emos às leis.»

Esta foi a fala deles. Os juízes segredaram uns com os outros um pouco, antes de anunciar que a sentença ficaria adiada nesse dia. «Precisamos — afirmaram — da presença dos médicos maiores Asclépio e Hipócrates para que possamos chegar ao melhor veredito possível, em conformidade com eles. Exige-se um conhecimento médico especializado. Portanto, deixe-se em aberto a possibilidade

<sup>104</sup> Considerem-se nomes falantes/predicativos (à maneira de autores como, em grego, Aristófanes; ou em latim, Plauto, Terêncio; outros da *Nea*), atribuídos a personagens anónimas, que indiciam o carácter de quem os enverga, denunciando, em certa aceção, o reflexo de uma lógica *nomen omen*. Assim, Ὀξύβας, Óxibas: ὀξύς, ‘rápido, pungente, acutilante’ | βάσις: ‘passo, movimento’; Νυκτίων, Níction: νύξ, ‘noite’ | ἴων (part. εἶμι): ‘indo’.

<sup>105</sup> Entenda-se ‘corpo e alma’.



de o tribunal poder reunir-se agora. Que se encontrem connosco os maiores médicos, dentro de três dias e esclarecer-se-á o diferendo.»

Após fazerem essa afirmação, os juízes levantaram-se e retiraram-se para um local mais interior do Prado. Os oficiais de justiça, levando-nos juntamente com os psicopompos, encaminharam-nos para aquele local tenebroso, ainda que não para muito longe, mas até onde se abeirava à luz, produzindo o efeito de um brilho crepuscular, pela mistura de ambos.

[36] Primeiramente, enquanto os juízes consideravam o caso, o sofista inclinou-se e disse-me ao ouvido: «Vai até àquele pinheiro (apontando para um alto e exuberante) e à sua sombra encontrarás vários tipos de verduras, algumas do teu conhecimento, outras não. Arranca-as pela raiz e trá-las contigo. Não há lá nada que seja venenoso, são todas boas e nutritivas. Além disso, caso alguém determine que tu permaneças aqui, alimentar-te-ás delas comigo e ficarás satisfeito, pois as coisas que aqui se criam têm a vantagem de um fôlego e de uma aragem divinos, por conseguinte, dão azo, antes da ingestão, a um doce aroma e, depois de comidos, à eructação.»

O meu mestre não teve muita dificuldade em persuadir-me. Fui até ao pinheiro, colhi tantas verduras quanto possível e angariei uma quantidade satisfatória. Após reencontrar-me com o sofista, partimos imediatamente com os guias e os adversários. Passámos dois dias e outras tantas noites na zona em que luz e escuridão confluem. Ao início do terceiro, por altura do cantar do galo, como alguém poderia dizer, levantámo-nos e partimos para o tribunal. Movendo-nos rapidamente e alcançámos a tribuna dos juízes antes de qualquer outra pessoa.

“A Aurora espalhava todo o seu peplo de açafão pela Terra”<sup>106</sup>. Asclépio e Hipócrates estavam sentados com os juízes a conversar e a examinar o que poderia sentenciar-se a meu propósito<sup>107</sup> e comunicaram ao arauto que lhes trouxesse a sentença disposta três dias antes, a propósito dos psicopompos Níction e Óxibas. Ele anunciou, como de costume: «Os que apresentaram acusação contra Óxibas e Níction três dias atrás, apresentai-vos de imediato, a fim de que este mui venerável tribunal pronuncie a sentença hoje mesmo.»

[37] Os oficiais de justiça prenderam-nos a todos, queixosos e acusados, levaram-nos adiante e apresentaram-nos em tribunal. Enquanto o sofista concentrava a sua atenção no que havia de dizer, eu, por outro lado, tinha sempre a vista posta em Asclépio e Hipócrates. E, todavia, não conseguia ver bem o rosto de Asclépio, porquanto estava coberto por um véu com bordado de ouro, diáfano e transparente, de modo que ele, delirante como estava, levado pela vã crença na sua própria condição divina, podia ver tudo, mas não era visto por ninguém.

Hipócrates, por seu turno, parecia um árabe, com um turbante alto e pontiagudo em torno de cabeça; um manto que chegava até aos pés, sem cinto, nem costura nenhuma em toda a borda,

<sup>106</sup> *Il.* 8.1, 24.695, 24.694.

<sup>107</sup> Vd. comportamento similar entre deuses, na cena iliádica 4.1.

nem qualquer abertura. Envergava uma barba regularmente misturada de pelos grisalhos, o seu cabelo estava cortado rente até à pele, como os estoicos — porventura foi dele que Zenão recebeu a ideia da tonsura e a definiu como ordem para os seus seguidores.

Enquanto eu absorvia tudo isso, o escrívão apresentou o registo e dá a conhecer à audiência o que estava assente: «Timárion, filho de Timonico, processando Óxibas e Níction:» — e a história toda do princípio ao fim; a investigação imediata dos juízes; o adiamento da sentença até que Hipócrates e Asclépio ficassem disponíveis para facultar as suas opiniões de especialistas.

Quando o escrívão terminou a leitura da ata, Hipócrates e Asclépio segredaram um pouco entre si, convocaram de igual modo Erasítrato para se juntar a eles, o que levou a uma curta pausa. Depois disso, Hipócrates lançou um olhar feroz e disse: «Níction e Óxibas, de que doença estava a padecer a alma de Timárion e se estava separada do corpo quando o trouxestes aqui para baixo ou acaso a retirastes à força, quando ainda presa ao corpo, e a trouxestes para baixo mesmo assim — contem-nos o caso.»

[38] Tomando brevemente a palavra, os psicopompos disseram: «Maior dos médicos, não fizemos nada ilegal nem transgredimos os vossos regulamentos. Vós mesmos haveis estabelecido na totalidade, em vida, esta regra de que não viva ou nasça quem não esteja munido destes quatro elementos: sangue, fleuma, bílis negra, bílis amarela<sup>108</sup>; e que se um ser vivo ficar privado de um desses quatro, não seria viável manter-se com o restante. No seguimento disso, cumprindo a obrigação que nos foi atribuída no mundo, quando vimos este pobre coitado a vomitar continuamente sobretudo bílis e com sangue, durante trinta dias e noites, concordámos, pela nossa experiência, que o homem não poderia continuar a viver. Como iria restar algo desse humor elementar, a vomitá-lo assim sem parar, por tantos dias? Por isso, não empregámos força para separar a alma do corpo, mas aproximamo-nos suavemente pelas narinas e aspirámo-la com uma leve sucção, sem oferecer nenhuma resistência, pois, com ela, o pobre corpo já se havia extenuado, em virtude da secreção contínua.» Os psicopompos proferiram isto e fizeram silêncio.

Os condutores de mortos disseram-nos: «Dizei também rapidamente a vossa versão do sucedido, para que possa deixar o tribunal o maior dos médicos, o divino Asclépio, que há muito tempo e muitos anos não marcava presença aqui — em virtude do estatuto divino que lhe foi concedido, evitava o contato com os homens.»

O sofista, abrindo a boca, falou assim: [39] «Meritíssimos juízes, e vós, patronos e primazes dos médicos, acabastes de ouvir o quanto falaram esses abomináveis mistagogos, encadeando uma

<sup>108</sup> Hp. *De Natura Humana* 4.

retórica injusta contra a alma do desgraçado<sup>109</sup>, agora ouvi: importa daqui em diante constatar que se não metido a si mesmos em apuros.»

Enquanto isso, Hipócrates virou-se e sussurrou no ouvido de um dos procuradores de justiça, perguntando quem era e de onde vinha esse ilustre e prolixo defensor de Timárion. Aquelo contou-lhe tudo a respeito dele: que era originário de Esmirna, criado em Bizâncio, onde, tomando a cátedra da sofística, encheu o reino com a sua audácia e foi considerado, por parte dos monarcas, digno de grande honra e recursos. Pelo pouco que ouvi, era isso que aquele estava a dizer a Hipócrates.

O sofista prosseguiu: «Que o corpo do meu cliente ainda não estava prestes a morrer é algo que os próprios condutores de mortos terão de reconhecer na íntegra. Como poderia um corpo a montar a cavalo a subir desde a Tessalónica considerar-se pronto para a morte e incapaz de continuar a viver? Para mais, estabelecem as leis dos mortos que ao separar-se a alma se realizem depois os ritos fúnebres, segundo cada religião, todas elas com os seus próprios costumes. Entre os cristãos, no terceiro, nono e quadragésimo dias. Esses traquejados baixaram a alma ao Hades sem esperar que os ritos fúnebres tivessem decorrido.»

Níction gritou com grande veemência: «Mas não havia lá ninguém para realizar os ritos para Timárion. Ele era viajante, estrangeiro e não tinha ninguém que pudesse prestar honras fúnebres...»

«Se não arrebatastes a alma com violência aí agora, deixe-se que a sua condição seja agora examinada por um perito. Pois, se for o caso de ter sido arrancada à força do corpo, ainda haverá carne agarrada nela».

[40] E de imediato foram destacados para a análise Óxidercion e Nictoleustes<sup>110</sup>. Após examinarem detalhadamente toda a condição da alma, relataram aos juízes: «Toda a aparência da alma, vista à superfície, parece de uma tonalidade toldada de sangue, como quando aqueles que servem na guerra transpiram suor misturado com sangue. A nossa averiguação ao pormenor revela que alguns sítios ainda estão impregnados de sangue puro e emanam um certo sopro de vida; de igual modo que estão presos alguns resquícios de carne, todos cheios de sangue e vivos.»

E o sofista gritou com muita fervor: «Aí está, juízes, a prova dos meus argumentos, pois se ainda estava capaz de agarrar-se obstinadamente ao corpo, como poderia o seu quarto elemento ter-se esvaído na totalidade? Pela natureza, como afirmam os mais ilustres médicos, a perda do

<sup>109</sup> Tenha-se em mente, a propósito, a cena da comédia antiga que retrata a figura de Estrepsíades, que se dispõe a recorrer a argumentos injustos (cf. ἄδικος λόγος) para ganhar uma contenda Ar. Nu. 112–119, 243–247, 889–1111. O apontamento refere-se aos sofistas, aludindo a μεριμνοφροντισταί, ‘pequenos filósofos’, πονηροί, ‘patifes’, ἀνυπόδητοι, ‘pés descalços’ (cf. peripatéticos, cínicos, designadamente Sócrates e Querefonte, 112), com habilidade de vencer argumentos a troco de dinheiro.

<sup>110</sup> Cf. Ὀξειδερκίων Ὀxidercion: ὀξύς, ‘rápido, pungente, acutilante’ | δέρκομαι, ‘ter vista penetrante’ | Νυκτολεύστης, ‘Nictoleustes’: νύξ, ‘noite’ | λευστός (λεύσσω), ‘olhar, observar’.

elemento erradica facilmente a alma. Porém, a partir de um segundo exame ficará claro que não foi o elemento em si que foi anulado, mas a secreção era precisamente isso — biliosa e seca, porquanto a comida ingerida todos os dias era transformada em bílis, devido à inflamação do fígado. De facto, a alma de Timárion possui toda a região em torno do fígado onde se processa a conversão em sangue inundada de bílis. Daí que a ingestão diária de alimento, antes de transformar-se numa substância biliosa, torna também biliosa a secreção dos dejetos. Por conseguinte, o segregado não era bílis elementar e pura, mas resíduos corporais comuns expelidos juntamente com a bílis, em maior quantidade do que o normal, em virtude da inflamação do fígado.»

[41] O sofista concluiu a sua peroração e após declarado um pouco de silêncio no tribunal, os juízes discutiam as evidências entre si e com os especialistas médicos, misturando os votos que haviam depositado nas urnas, como é habitual entre eles<sup>111</sup>. O veredito foi a nosso favor e fez-se o registo da sentença.

O sofista bizantino<sup>112</sup> ficou por perto, disposto a muito junto de tribuna, em virtude da sua habilidade e rapidez na improvisação, conforme ouvi dos arautos. ‘E agora — disseram —, vê-lo-ás, daqui a não muito tempo, a ditar o veredicto ao escrivão.’

Os juízes tranquilizaram-se um pouco, depois convocaram o Bizantino, que estava acompanhado por Aristarco, e apresentaram-lhe detalhadamente as disposições da sentença. De imediato, o Bizantino deu andamento ao processo, a maior parte a sussurrar, pois ainda não tinha perdido a intensa tortuosidade dos lábios.

Aristarco secretariava, Frínico presidia. Quando foi apresentado tudo ao escrivão, leu-se o texto completo da decisão para a assembleia. Era assim: ‘Ficou decidido pelo divino colégio de maiores médicos, e pelo divinizado Asclépio, que Níction e Óxibas, na medida em que transgrediram as leis dos mortos, de ora em diante fiquem afastados do mister de psicopompos. Relativamente a Timárion, que seja restituído à vida e ocupe o seu próprio corpo. E quando se tiver completado o tempo que lhe foi atribuído e prestado todos os ritos, que os psicopompos no local o tragam de volta ao Hades.’<sup>113</sup>

[42] Com isso, a leitura chegou ao fim, os juízes levantaram-se e o tribunal foi encerrado. Os juízes retiraram-se para o seu lugar habitual do prado, ao passo que Asclépio se movimentava com os médicos para outro local mais sereno. Todos os cristãos, por seu turno, gritavam, pulavam de alegria e parabenizavam o sofista de Esmirna, elogiando-o pelos argumentos, administração e organização do discurso.

<sup>111</sup> Considere o sistema de votação na antiguidade grega através do depósito num jarro/urna de *πίθοι* — ‘pedras’ brancas, em caso positivo e negras, para negar. Cf. *Luc. Vit. Auct.* 6.

<sup>112</sup> Miguel Pselo? Cf. Draseke, 1897, pp. 483–90.

<sup>113</sup> Cf. desígnio de Plutão para restabelecer Cleodemo à vida, *Luc. Philops.* 25.

Os oficiais de justiça que nos receberam estavam de volta ao Hades. Ordenou-se-lhes que me depositassem no mundo superior. E à medida que atravessávamos as regiões sombrias do Hades, passámos pelos locais onde os filósofos e sofistas passavam o tempo. E o sofista, cansado quer da viagem, quer da sua intensa concentração mental, pediu aos houve fiéis de justiça para nos deixarem passar a noite em comunhão com os sábios, para que no dia seguinte, depois de me despedir dele, que permanece com os sábios, eu pudesse retornar mais rapidamente à vida.

E assim se passou: “Os outros deuses e homens equipados com cavalos | dormiram a noite toda, mas o doce sono não me tocou.”<sup>114</sup> Porém, querendo conhecer tanto quanto havia no Hades, fiquei acordado durante toda a noite, a examinar cada uma das coisas.

[43] Via Parménides, Pitágoras, Melisso, Anaxágoras, Tales e os outros fundadores das escolas filosóficas<sup>115</sup> calmamente sentados, a falarem com muita calma e suavidade e a discutirem uns com os outros a respeito de certos princípios. Tinham aversão a Diógenes, que e excluía do seu meio. Ele andava de aqui para ali, sem se ir abaixo das pernas, com o seu cariz feroz e agitado, pronto a provocar todo o que se lhe apresentava para uma discussão. Também vi João Ítalo, a querer sentar-se ao lado de Pitágoras, todavia este rejeitava-o bruscamente, dizendo: «Pior dos vermes, que vestiste o manto dos Galileus, que eles dizem ser divino e celestial — por certo o batismo —, pretendes logo juntar-te a nós, que passámos a vida em contato com o saber e o pensamento silogístico? Ou despes esse traje vulgar, ou retira-te da nossa fratria!» Mas aquele não queria tirá-lo. Seguiu-o um homenzito, um semi-homem<sup>116</sup>, um servo, para ser mais preciso, um cidadão, deveras manhoso e grosseiro, que ofendia em verso iâmbico todos os que encontrava, destituído de inteligência, e alguém que enganava uma multidão ignorante com grandes promessas. Se tivesses ocasião de encontrá-lo, descobririas que não era sábio nem agradável. Parecia imitar o caráter do seu mestre, que era maligno, difamador, insultuoso, volúvel, presunçoso e tudo o que se segue a isso.»

[44] Mas encontrou-se, todavia, com ‘o de traseiro negro’. Foi ter com o cínico Diógenes e, de modo mais arrogante, tentou falar-lhe. Ele, porém, havendo recentemente aumentado a soberba, cairia numa armadilha sem se dar conta. Com efeito, Diógenes, não suportando a altivez daquele, como um cão sempre a latir, exaltou-se e uivou, o que provocou em resposta o seu latido (na realidade, ele imitava a vida cínica). Emaranharam-se com o outro e o de Itália atracou-se ao ombro, mas Diógenes prendeu-o pela garganta e teria possivelmente estrangulado Ítalo<sup>117</sup>, se Catão, o Romano, que se havia imiscuído entre os filósofos, não libertasse João da boca de Diógenes, e

<sup>114</sup> *Il.* 2.1–2; *Gal. Protr.* 11.21. Cf. *Luc. Bis Acc.* 2, *Icar.* 28.

<sup>115</sup> Os nomes contemplados pertencem a filósofos pré-socráticos, dos séculos VII a V a.C. Cf. *Luc. Nec.* 18, *VH* 2.17.

<sup>116</sup> Vd. *Luc. DDeor.* 23, a propósito de ‘semi-homem’, como forma de caracterizar a ambiguidade sexual de Hermafrodito. No caso, atributo diminutivo do valor.

<sup>117</sup> Cf. *Od.* 14.29–30, relativamente a Ulisses.

«Seu repugnante, Alexandre — afirmou Diógenes —, filho de Filipe, aquele que submeteu toda a Ásia, como se fosse uma pequena propriedade; acercou-se de mim em Corinto enquanto eu estava a apanhar sol, e falou num tom de respeito e humildade. Tu, contudo, que eras escória em Bizâncio e odioso entre todos os Galileus, tens coragem de tratar-me com ares de superioridade? Pela filosofia cínica, de cuja escola fui líder, se ousares dirigir-me a palavra uma vez, terás um segundo enterro e morte dolorosa.»<sup>118</sup> Catão tomou João pela mão e conduziu-o a uma longa distância segura. Quando alcançaram os domínios dos sofistas retóricos, estes ergueram-se e atiraram pedras na direção de João, dizendo: «Tira-o daqui, Catão, não tem nada a ver connosco aquele que em vida não tinha um bom conhecimento de gramática e escrevia discursos risíveis.» Insultado<sup>119</sup> assim de forma desonrosa por todos, a recuar e a gemer, dizia: «Aristóteles, Aristóteles, silogismo e sofismas, onde estais? Com efeito, se tivésseis participado agora aqui comigo, teria dominado completamente esses filósofos e sofistas idiotas, assim como Diógenes, esse paflagónio<sup>120</sup> e porqueiro do piorio.»

[45] Nisto, o Sofista Bizantino<sup>121</sup> chegou, à medida que se aproximava, os filósofos saudaram-no graciosamente, e: «Salve, Bizantino», diziam com frequência. Contudo, teve que falar com eles em pé, e nem eles lhe cederam um lugar, nem ele desejava. Quando se aproximou dos sofistas, era reverenciado ao passar, levantavam-se diante dele e, ou se sentava no meio de todos, quando ele por vontade própria se agachava, ou se sentava acima de todos, na base que lhe ofertaram como recompensa, porquanto admiravam a graciosidade da sua narrativa, a doçura e a clareza de dicção, a simplicidade, a capacidade de improvisação da fala, prontidão, cariz útil e apropriado a qualquer tipo de discurso. Frequentemente, apelidavam-no ‘Rei Sol’<sup>122</sup>, que, como fiquei a saber quando inquiri a seu respeito, era uma expressão desenvolvida por ele para o imperador<sup>123</sup>.

Cidion — O quê, caro Timárion? Mas não vais também contar-me do teu sofista de Esmirna, sobre o tipo de homenagem que obtive do conselho?

Timárion — Cidion, não se aproximava muito daqueles fundadores de escolas filosóficas, exceto quando precisava de fazer uma pergunta ou solicitar algum esclarecimento. Na maioria das ocasiões, confraternizava com estes retóricos sofistas: Polemo, Herodes e Aristides<sup>124</sup>. Dirigia-se a estes com confiança, como pessoas da mesma estirpe, e conversava com franqueza. Retiravam-no para o seu meio, toda a vez que chegava, e usavam-no como juiz de disposições retóricas.

<sup>118</sup> Vd. Plu. *Alex.* 14.2; D.L. 6.37.

<sup>119</sup> Entenda-se ‘Ítalo’.

<sup>120</sup> Naturais de Paflagónia, zona da Anatólia, Mar Negro.

<sup>121</sup> Miguel Pselo.

<sup>122</sup> No caso, Teodoro. Vd. Pselo, *Chron.* 7.126.

<sup>123</sup> Cf. Pselo, discurso *Panegírico* 5, em honra de Constantino IX Monómaco.

<sup>124</sup> Filósofos representantes da segunda sofística.

[46] Foi isto que vi, meu excelso amigo, na altura em que também descansava durante toda a noite de verão, do anoitecer ao amanhecer, juntamente com o oficial de justiça e o sofista. Enquanto eles dormiam, eu investigava cada um deles. Quando despertaram do sono, o sofista veio imediatamente até mim, pôs-me em pé e disse: «Levanta-te, mui bom Timárion, e retorna à vida. Já faz muito tempo que nenhum morto é ressuscitado. Mas tu não te esqueças de expedir-me as coisas que eu quero lá de cima.»

Da minha parte, disse: «Estou muito disposto a enviar-te todos os meus pertences, mas é melhor dizeres o que precisas dali, para que não descure o atendimento. Ordena-me só o que desejas.»

«Meu filho, manda-me um cordeiro de cinco meses; duas galinhas de três anos engordadas e abatidas, do tipo que os avicultores vendem no mercado, após os vendedores com uma certa mestria haverem soltado através do estômago a gordura que têm sobre as coxas; um leitão de um mês; uma pança de porca muito bastante sebosa e compacta.» Depois de afirmar isto, o sofista abraçou-me e despediu-se: «Viaja rumo à vida — referiu —, boa sorte! Segue são e salvo com os teus rapidamente, antes que a notícia chegue a Bizâncio e os teus parentes e amigos se encham de lamúrias. São muitos os que gostam de ti, segundo soube.»

Então, havendo-me separado dele, parti rapidamente, não tivesse que retroceder caminho por alguma razão. Enquanto viajava, vi, no trajeto, do lado esquerdo, Filareto da Arménia, Alexandre de Feras e Nero, o pior, a revirar excrementos humanos, a fim de que o cheiro penetrasse até à via.

Finalmente, cheguei à abertura, e de imediato, sem ninguém a impedir-me, porque acompanhado por um oficial de justiça, passei através da abertura para o ar, e percecionei, desde o alto, as Plêiades<sup>125</sup> e as Ursas.<sup>126</sup>

[47] Desconhecendo a direção a tomar rumo ao meu pobre corpo, fui transportado pelo ar como se soprado pelo vento, até que cheguei ao rio e reconheci a casa onde repousava o meu corpo. Ali, desde o rio, separei-me da companhia do oficial de justiça, entrei através de abertura no telhado que se efetua para soltar o fumo da lareira, e prendi-me ao corpo, entrando pelas narinas e pela boca. Estava gelado, graças ao frio de inverno e em especial pelo estado cadavérico. Parecia que aquela noite era uma das de ficar duro de frio. Não obstante, no dia seguinte, depois de tratar da bagagem, parti para Bizâncio.

E agora aqui estou, meu caro Cidion, são e salvo, a contar-te as minhas andanças. Por tua vez, procura encontrar uns cadáveres recentes, a quem possa incumbir o que o sofista ordenou e despachar-lho. Só que não devem ser homens respeitáveis e livres de culpa, que possam quiçá

<sup>125</sup> Cf. Eratosth. *Cat.* 23.

<sup>126</sup> Cf. Eratosth. *Cat.* 1, 2. Vd. Luc. *Nec.* 22.



ressentir-se pelo trabalho, porventura até um daqueles paflagónios imundos do mercado da carne, que verão lucro em serem enviados para o Hades com carne de porco.

Nisto, já é hora de dormir. Façamos as despedidas, meu curioso amigo, e regressemos a casa.

## Referências Bibliográficas

- ALEXIOU, Margaret. **After Antiquity: Greek Language, Myth, and Metaphor**. Ithaca: Cornell University Press, 2002.
- ALEXIOU, Margaret. Literary Subversion and the Aristocracy in Twelfth-Century Byzantium: A Stylistic Analysis of the *Timarion* (ch. 6–10). **Byzantine and Modern Greek Studies**, v. 8, pp. 29–45, 1982.
- ALVAREZ BRAVO, Manuel. La civilización bizantina de los siglos XI y XII: notas para un debate todavía abierto. **Erytheia**, v. 9, pp. 77–132, 1988.
- BALDWIN, Barry. **Timarion translated with introduction and commentary**. Detroit: Wayne State University Press, pp. 1–37, 1984.
- BEATON, Roderick. Cappadocians at Court. Digenes Akrites and *Timarion*. In: MULLETT, Margaret; SMYTHE, Dion (ed.). **Alexios I Komnenos**. Belfast: Belfast Byzantine Enterprises, pp. 329–38, 2008.
- BZINKOWSKI, Michał. Notes on Eschatological Patterns in a 12th Century Anonymous Satirical Dialogue the *Timarion*. **Eos**, v. 102: 129–148, 2015.
- CHAPMAN, Hanah; KIM, David; SUSKIND, Joshua; ANDERSON, Adam. In Bad Taste: Evidence for the Oral Origins of Disgust. **Science**, v. 323, pp. 1222–1226, 2009.
- CONSTANTELOS, Demetrios. **Byzantine Philanthropy and Social Welfare**. New Brunswick/New Jersey: Rutgers University Press, 1968.
- CUPANE, Carolina. The Heavenly City: Religious and Secular Visions of the Other World in Byzantine Literature. In: ANGELIDI, Christine; CALOFONOS, George (ed.). **Dreaming in Byzantium and Beyond**. Farnham/Burlington: Ashgate, 2014.
- DRÄSEKE, Johannes. Byzantinische Hadesfahrten. **NJKA**, v. 29, pp. 343–66, 1912.
- DRÄSEKE, Johannes. Michael Psellos im *Timarion*. **BZ**, v. 6, pp. 483–90, 1897.
- ELLISSEN, Adolf. **Analekten Der Mittel-Und Neugriechischen Literatur**, vol. 4. Leipzig: Verlag von Otto Wigand, pp. 41–92, 1860.
- GREGORY, Timothy. **A History of Byzantium**. Chichester: John Wiley & Sons, 2010.
- HASE, M. Imitations de la Nécyomantie de Lucien. In: **Notices et extraits des manuscrits de la Bibliothèque impériale**, vol. 9. Paris: De l’Imprimerie Impériale, pp. 125–68, 1813.
- HEATH, John. Blood for the Dead: Homeric Ghosts Speak Up. **Hermes**, v. 133, n. 4: 389–400, 2005.
- IAKOVOS, Menelaou. Byzantine Satire: The Background in the *Timarion*. In: **Hiperboreea. Journal of History**, v. 4, n. 2, pp. 53–66, 2017.
- JAMES, Sharon. **A Companion to Byzantium**. Chichester: John Wiley & Sons, 2010.
- KALDELLIS, Anthony. **Hellenism in Byzantium: The Transformations of Greek Identity and the Reception of the Classical Tradition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- KALDELLIS, Anthony. The *Timarion*: Toward a Literary Interpretation. In: ODORICO, Paolo (ed.). **La face cachée de la littérature byzantine: le texte en tant que message immédiat — Actes du colloque international 5–6–7 juin 2008**. Paris: Centres d’études byzantines, néo-helléniques et sud-ouest européennes, École des Hautes Études en Sciences Sociales, pp. 275–87, 2012.

- KIMBALL, Paul. (ed.). The Third Sophistic: New Approaches to Rhetoric in Late Antiquity. **Journal of Late Antiquity**, v. 3, pp. 262–63, 2010.
- KRALLIS, Dimitris. Harmless Satire, Stinging Critique: Notes and Suggestions for Reading the Timarion. In: ANGELOV, Dimiter; SAXBY, Michael. (ed.). **Power and Subversion in Byzantium**. Farnham/Burlington: Ashgate, pp. 221–45, 2013.
- KUCHARSKI, Janek; MARCINIAK, Przemysław. The beard and its philosopher: Theodore Prodromos on the philosopher's beard in Byzantium. **Byzantine and Modern Greek Studies**, v. 41, pp. 45–54, 2017.
- LABUK, Tomasz. **Gluttons, drunkards and lechers: the discourses of food in 12th-century Byzantine literature: ancient themes and Byzantine innovations**. Praca doktorska. Katowice: Uniwersytet Śląski, 2019.
- LAFOLLETTE, Hugh (ed.). **The Oxford Handbook of Practical Ethics**. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- LAJOS, Berkes. Egy fejezet Lukianos bizánci utóéletéből: a pseudo-lukianosi Timarion. In: Toth, Iván; Jutai, Péter (ed.). **Enumeratio. A Collegium Hungaricum Societatis Europaeae Studiosorum Philologiae Classicae III. országos konferenciáján elhangzott előadások [Enumeratio. Vorträge der III. Konferenz der Collegium Hungaricum Societatis Europaeae Studiosorum Philologiae Classicaebyzantinischen Nachleben von Lukian: der pseudolukianische Timarion]**. Budapest: Elt Btk, pp. 51–5, 2008.
- MACDOUGALL, Byron. The Festival of Saint Demetrios, the Timarion, and the Aithiopika. **Byzantine and Modern Greek Studies**, v. 40, n. 1, pp. 135–50, 2016.
- MAGDALINO, Paul. **The Empire of Manuel I Komnenos**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- MARCINIAK, Przemysław. Of false philosophers and inept teachers: Theodore Prodromos' satirical writings (with a translation of the poem Against the old man with a long beard). **Βυζαντινά Σύμμεκτα**, v. 30, pp. 131–48, 2020.
- MARCINIAK, Przemysław; Warcaba, Katarzyna. **Timarion albo Timariona przypadki przez niego opowiedziane**. Katowice, 2014.
- MARTINET, André. **Éléments de linguistique générale**. Paris: Armand Colin, 1980.
- NAVARRO GONZALES, José Luís. **Luciano. Obras**. vol. 4. Madrid: Gredos, 1992.
- NILSSON, Isabella. Poets and Teachers in the Underworld: From the Lucianic Katabasis to the Timarion. **SO**, v. 90, n. 1, pp. 180–204, 2016.
- PERNOT, Laurent. The Third Sophistic. **Rhetorica**, v. 39, n. 2, pp. 174–6, 2021.
- PETERSON, Anna. Lucian in Byzantium: The Intersection of the Comic Tradition and Christian Orthodoxy in the Anonymous Patriot. **Journal of Late Antiquity**, v. 10 n. 1, pp. 250–9, 2017.
- POLEMIS, Demetrios. **The Doukai: A Contribution to Byzantine Prosopography, Demetrios I**. London: Athlone Press, 1968.
- QUIROGA, Alberto. From *Sophistopolis* to *Episcopopolis*: The Case for a Third Sophistic. **Journal of Late Antique Religion and Culture**, v. 1, pp. 31–42, 2007.
- ROMANO, Roberto. **Costantino Acropolita, Epistole, carta 91**. Nápoles: M. D'Auria, 1991.
- ROMANO, Roberto. **Pseudo-Luciano Timarion seu de passionibus eius. Timarione. Testo critico, introduzione, traduzione, comentario e lessico**. Napoli: Università di Napoli, Cattedra di filologia bizantina, 1974.
- ROSTEIN, Andrea. **The Idea of Iambos**. Oxford/New York: Oxford University Press, 2010.
- RUNCIMAN, Steven. **History of the Crusades**, vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1955.
- SIGNES, Juan. **The emperor Theophilos and the East, 829–842. Court and frontier in Byzantium during the last phase of Iconoclasm**. Farnham: Ashgate, 2014.
- STRAMAGLIA, Antonio. **Phlegon Trallianus: Opuscula de rebus mirabilibus et de longaevis**.

- Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2011.
- TOZER, H. Byzantine satire. *JHS*, v. 2, pp. 233–70, 1881.
- TREU, Max. Ein Kritiker des Timarion. *ByzZ*, v. 1, pp. 361–5, 1892.
- TRIZIO, Michele. Trials of Philosophers and Theologians under the Komnenoi. In: KALDELLIS, Anthony; SINIOSSOGLU, Niketas (ed.). *The Cambridge Intellectual History of Byzantium*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 462–76, 2017.
- TROCA PEREIRA, Reina Marisol. A Propósito de Conselhos de Saúde e Alimentos: Simeão Seth, Σύνταγμα κατὰ στοιχείων περὶ τροφῶν δυνάμεων, Coletânea sobre as Propriedades dos Alimentos. *To Ελληνικό Βλέμμα — Revista de Estudos Helênicos da UERJ*, v. 9, pp. 1–79, 2021.
- TROCA PEREIRA, Reina Marisol. O Suplício de Cupido em Comentário e Tradução. *Revista Classica*, v. 28, n. 1, pp. 205–213, 2015.
- TROCA PEREIRA, Reina Marisol. POLTERGEIST: Quem tem medo de φαντάσματα? (Phleg. *Mir.* 1–3 em consideração). *REC*, v. 43, pp. 211–32, 2016.
- TROCA PEREIRA, Reina Marisol. Reflexões demonológicas bizantinas: (Ps.)-Pselo. Coisas que os Helenos opinam acerca dos demônios (Τίνα περὶ δαιμόνων δοξάζουσιν Ἕλληνες). *Synesis*, v. 13, n. 1, pp. 215–58, 2021.
- TSARAS, Giannes. Καὶ ἀμφιμείκτους τινὰς κόμας. *Βυζαντινά*, v. 131, pp. 179–200, 1985.
- TSOLAKIS, Efstratios. Τιμαρίων νέα ανάγνωση. In: KAPATZ/A, Σταμάτη. *Επιστημονική Επετερίδα Φιλοσοφικής Σχολής Πανεπιστημίου Θεσσαλονίκης*. Thessalonik, pp. 109–18, 1990.
- VASILIEV, Alexander. *History of the Byzantine Empire 324–1453*. Madison: University of Wisconsin Press, 1952.
- VITANZA, Victor. Some More Notes, Towards a Third Sophistic. *Argumentation*, v. 5: 117–39, 1991.
- VLACHAKOS, Petros. (ed.). *Τιμαρίων ἢ Περί τῶν κατ’αὐτόν παθημάτων*. Thessalonik: Zitros, 2002.
- VRATIMOS, Antonios. Michael Psellus, Michael Attaleiates: The Blinding of Romanus IV at Kotyaion (29 June 1072) and his Death on Proti (4 August 1072). *Recueil des travaux de l’Institut d’Études Byzantines XLVIII*, pp. 51–60, 2011.
- VRYONIS Jr., Speros. The Eleventh Century: was there a Crisis in the Empire? The Decline of Quality and Quantity in the Byzantine Armed Forces. In: VLYSSIDOU, Vassiliki (ed.). *The Empire in Crisis(?) Byzantium in the 11th Century (1025–1081)*. Athens: Institute for Byzantine Research, pp. 17–43, 2003.
- VYRONIS, Speros. The Panegyris of the Byzantine Saint: A Study in the Nature of a Medieval Institution, Its Origins and Fate. In: HACKEL, Sergei (ed.). *The Byzantine Saint*. Birmingham: University of Birmingham, pp. 196–228, 1981.
- WALLIS, Wilson. The Romance and the Tragedy of Sneezing. *The Scientific Monthly*, v. 9, n. 6, pp. 526–38, 1919.
- WORMAN, Nancy. *Abusive Mouths in Classical Athens*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- WORMAN, Nancy. Insult and Oral Excess in the Disputes between Aeschines and Demosthenes. *AJPh*, v. 125, n. 1, pp. 1–25, 2004.
- ZAGKLAS, Nikolaos. Satire in the Komnenian Period: Poetry, Satirical Strands, and Intellectual Antagonism. In: MARCINIĄK, Przemysław; NILSSON, Ingela (ed.), *Satire in the Middle Byzantine Period. The Golden Age of Laughter?* Leiden: Brill, pp. 279–303, 2020.

